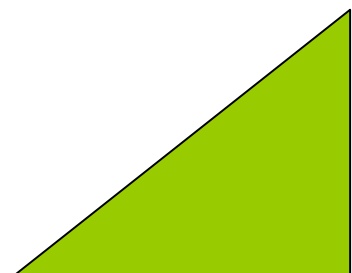




Escolas de Futebol: Que Preocupações?

Fernando Ricardo Das Neves Lopes Loureiro

Porto, 2008





Escolas de Futebol: Que Preocupações?

Monografia de Licenciatura realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na opção de Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Orientador: Professor Jorge Pinto

Autor: Fernando Ricardo das Neves Lopes Loureiro

Porto, Dezembro 2008

Provas de Licenciatura

Loureiro, F. (2008). **Escolas de Futebol: Que Preocupações?** Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS – CHAVE: FUTEBOL, FORMAÇÃO, ESCOLAS DE FUTEBOL, JOGO, PROCESSO ENSINO – APRENDIZAGEM.

Agradecimentos

Apesar do carácter individual do presente trabalho, este só foi possível porque contou com a colaboração e estímulos de várias pessoas. Neste sentido não posso deixar de expressar o meu sincero agradecimento e gratidão através destas simples mas sentidas palavras.

Aos Clubes e Escolas de Futebol (Futebol Clube Porto, Sport Lisboa e Benfica, Sporting Clube Braga, Vitória de Guimarães, Sport Viseu Benfica, Escola Dínamo da Estação, Academia de Futebol Bragafut, Academia de Futebol Fair Play) e aos seus representantes pela disponibilidade na realização das entrevistas. Sem a sua colaboração este trabalho não teria sido possível.

Ao Professor Jorge Pinto pela disponibilidade que sempre demonstrou e pelo apoio e acompanhamento constante, sem o qual tudo seria mais difícil.

Obrigado pelo tempo partilhado...

Ao Professor Vítor Frade, pela forma como fala e vive este fenómeno que é o Futebol, não se pode ficar indiferente...

À minha família...

Aos meus pais pelo apoio constante e pela presença nos momentos difíceis. Sei que somos uma verdadeira família e o que sou devo-o em grande parte a vocês, são um exemplo de vida que gostava de um dia atingir...

À minha irmã, porque a sua existência fez-me tornar menos egoísta e obrigou-me a procurar ser o melhor exemplo, sei que tens um grande caminho à tua frente...

À Marta, por tudo o que nos une e nos torna especiais, sei que o futuro será risonho e um dia olharemos para trás e veremos que valeu a pena o esforço...

Aos meus amigos...

Aos “manos” de Viseu, Jimmy, Retinho, Mazu, Piscinas, Marrocos entre tantos outros, sem vocês nada era igual, tantos momentos partilhados que ficarão para sempre na memória...

Aos “manos” de Faculdade, Cinfães, Diogo, Costa e André, tão diferentes e no fundo tão iguais. Companheiros de bons e maus momentos, tanta vida partilhada que não pode ser expressa em meia dúzia de palavras...do início até ao fim do curso...e quem sabe até ao fim da vida!

A estes manos fica uma lembrança: amigos tanto aparecem como desaparecem, irmãos são para sempre!!!

À Luísa, pela força de vida que emana e por ser um exemplo na profissão que desempenha, já existem poucos professores assim.

Ao Martins, pela confiança que deposita em mim e por tantas alegrias e algumas tristezas vividas em comum...a sua paixão pelo jogo e pelo treino é contagiante...

A todos aqueles que acreditam no meu trabalho, espero um dia sorrir a vosso lado...Obrigado.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	V
ÍNDICE.....	VII
RESUMO.....	X
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	5
2.1. A formação no futebol.....	5
2.1.1. Objectivos da formação.....	6
2.1.2. Características da formação.....	8
2.1.2.1. Deve ser Global.....	8
2.1.2.2. Deve ser Gradual.....	8
2.1.2.3. Deve ser Específica.....	9
2.1.3. As diferentes etapas de formação.....	10
2.1.3.1. Etapa Pré-Formativa.....	11
2.1.3.2. Etapa de Iniciação.....	11
2.2. O jogo de futebol.....	13
2.2.1. As dimensões do jogo.....	14
2.2.2. A complexidade do jogo.....	17
2.2.3. A especificidade do jogo.....	18
2.2.3.1. Futebol, um jogo eminentemente tático..	19
2.2.3.2. Tomada de decisão tática.....	20
2.2.3.3. A influência do conhecimento declarativo e processual na tomada de decisão.....	22
2.3. O ensino e a aprendizagem do jogo de futebol.....	23

2.3.1. O ensino e treino do jogo baseado na sua compreensão.....	25
2.4. As diferentes concepções de ensino do jogo de futebol.....	26
2.5. “Futebol de Rua”	29
2.5.1. O “futebol de rua” como ponto de partida para um processo de ensino/aprendizagem.....	31
2.5.2. JOGO: O caminho para o sucesso.....	34
2.5.3. Erros na formação de crianças e jovens.....	38
2.5.4. A competição no processo de ensino – aprendizagem.....	41
2.6. Hipóteses.....	44
3. Material e Métodos.....	45
3.1. Caracterização da amostra.....	45
3.2. Condições de aplicação da recolha de informação / Recolha dos dados.....	45
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	47
4.1. Objectivos do trabalho realizado nas Escolas de Futebol e as linhas orientadoras para o processo de formação.....	47
4.2. Factores de rendimento privilegiados na formação de jovens jogadores.....	50
4.2.1. Tática: a supracomponente.....	52
4.3. A existência de um referencial comum.....	53

4.4. “Futebol de Rua”: uma riqueza que não deve ser colocada de parte.....	55
4.4.1. A preservação do que o “Futebol de Rua” tem de melhor.....	56
4.5. Que concepção metodológica adoptar nas Escolas de Futebol?.....	60
5. CONCLUSÕES.....	65
6. SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS.....	67
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
8. ANEXOS I (ENTREVISTA).....	I
9. ANEXOS II (ENTREVISTAS).....	III

ÍNDICE QUADROS

Quadro 1: Características e consequências das diferentes concepções de ensino.....	28
Quadro 2: Objectivos que orientam o trabalho realizado nas Escolas de Futebol.....	47
Quadro 3: Qual a concepção metodológica que as Escolas de Futebol devem privilegiar.....	56

RESUMO

Longe vão os tempos em que crianças e jovens dispunham de tempo e condições suficientes para a prática de actividades lúdicas e espontâneas. Hoje, a quantidade de horas lectivas que a escola exige bem como a necessidade de obter conhecimentos nas mais variadas áreas, associada ao crescimento desenfreado das cidades e a ausência de espaços verdes, contribuem para uma diminuição da actividade física. No entanto, com a preocupação em termos de saúde, têm surgido várias soluções para o aumento da actividade física desde as idades mais baixas, daí o aumento exponencial do número de Escola de Futebol, associadas ou não a Clubes.

Assim, o objectivo deste trabalho é perceber o modo como funciona, verificando se o processo ensino-aprendizagem está de acordo com as premissas subjacentes a uma boa formação.

Para o efeito, além de uma exaustiva pesquisa bibliográfica e documental, recorreu-se à realização de várias entrevistas a coordenadores de Escolas de Futebol que partilham as mesmas preocupações.

Do resultado das entrevistas parece ser possível retirar as seguintes conclusões:

- a) as Escolas associadas a clubes da Bwin Liga têm como objectivo principal a formação de jogadores para as equipas federadas, tendo as restantes Escolas os objectivos centrados na formação integral dos mais jovens;
- b) a técnica é o factor de rendimento mais valorizado nas idades mais baixas mas com a evolução ao longo do processo de formação, a táctica assume-se como a supracomponente;
- c) existe a ideia comum de que o “Futebol de Rua” desapareceu, assim torna-se imprescindível que as Escola de Futebol “importem” a sua matriz para o processo de Formação, com o intuito de revitalizar essa realidade, aproveitando o respectivo potencial lúdico-formativo, não esquecendo que o prazer pelo jogo é uma catalizador fundamental no processo de formação dos mais jovens.

1. INTRODUÇÃO

“Antigamente havia espaço para jogar futebol nas cidades; jogava-se bola nas chamadas várzeas. Havia espaço livre e, onde havia espaço livre, havia crianças brincando, havia futebol. Depois, as fábricas, os prédios, as casas, foram tomando conta dos campos de várzea. Com o desaparecimento deles, foram desaparecendo, os “Bobinhos”, as “Peladas”, as “Rebatidas”, os “Controles”. Quanto mais o rádio, o jornal e a TV aproximavam o futebol dos olhos e ouvidos das pessoas, mais o afastavam de seus pés. Nos poucos campos que sobravam, o Futebol se tornava exclusividade dos que já sabiam jogar. Os que não sabiam, se moravam em apartamentos ou em favelas, partilhavam a falta de espaço e de jogo. Sem contar a estupidez adulta com suas proibições em nome da ordem, que poderiam ser resumidos em apenas uma: “É proibido ser criança”. Se não há criança, não há brincadeira; se não há brincadeira, não há futebol”.

Freire, 1998

O desporto é neste século, um dos mais fieis representantes dos fenómenos culturais, conseguindo por si só, extravasar as suas próprias fronteiras, não só através de um papel cultural, mas também social, económico e político, sendo que todos estes desígnios são fundamentais para que o resultado deste fenómeno seja eficaz (Neves, 2003).

Na nossa sociedade o futebol é o desporto rei. É indiscutivelmente uma modalidade de grande impacto nos hábitos culturais/desportivos dos nossos dias, em particular no nosso espaço geográfico, o que provoca uma enorme atracção para a sua prática a muitas crianças e jovens que têm assim a possibilidade de “imitar” e “encarnar” os adultos seus modelos, por vezes elevados à qualidade de ídolos (Ramos, F. 2003).

O futebol é iniciado por muitos praticantes de forma absolutamente espontânea, por apropriação intuitiva dos modelos a que as crianças têm acesso, através de vários meios de comunicação. Esta constatação, indiscutível, deve constituir uma base de análise e de estudo,

uma vez que a criança, sem qualquer base teórica nas orientações para a sua aprendizagem, encontra processos para “aprender a jogar” (Ramos, F. 2003).

No entanto, esta prática livre e espontânea tem vindo a desaparecer nos últimos tempos, devido a diversos factores, entre eles o crescimento desenfreado das cidades associado à progressiva redução de espaços verdes e locais para a prática de actividades físicas bem como a ocupação massiva do horário escolar e a existência de novos passatempos (jogos de consola, tv, Internet entre muitos outros), estes factos são relatados por Oliveira (s/d), *“Outrora ser criança significava ter tempo livre para brincar, passear ou simplesmente não fazer nada. Hoje a conversa é outra. A sociedade moderna exige que as crianças sejam ases nos computadores, falem várias línguas desde tenra idade, façam ginástica como ninguém (ballet, se forem meninas), cultivem o ouvido para a música e se familiarizarem com a arte de representação. E mais: que saibam nadar, jogar ténis, andar de bicicleta numa lista quase interminável de actividades, que podem tornar-se maçadoras (...) Vivemos a “síndrome do sucesso”...É a tentativa de equipar as crianças com o maior número de competências, esquecendo-se que algumas delas são brincar, estar, dormir, pensar, descansar...”*

Estes indícios justificam a procura cada vez maior de actividades físicas para os mais jovens, verificando-se no caso do futebol, um aumento exponencial das chamadas “Escolas de Futebol”, muitas associadas a clubes de futebol, surgindo outras mais com o intuito de promoção da saúde e ocupação dos tempos livres dos mais jovens.

Em qualquer dos casos, está em causa a formação desportiva de crianças e jovens, sendo esta formação bastante complexa, multivariada e extremamente dinâmica.

Apesar de não existir um conceito suficientemente robusto e consensual acerca do que é realmente a formação, parece ser inequívoco que a formação é a base do alto rendimento e que neste domínio o processo de ensino-aprendizagem se assume como a “célula base” do processo.

Associado a este conceito de formação está a Escola, no nosso caso “Escola de Futebol”, que deverá ter como objectivos realizar actividades próprias que preparam as crianças e jovens para participar em actividades mais formais e regulamentadas. Neste processo, surge necessariamente, como imperativo na formação do jogador que este evolua de acordo com as suas capacidades próprias, enquadradas num determinado nível de jogo, para que dessa forma a sua formação seja fonte de evolução (Bayer, s/d, cit por Marques, 1984).

Com esta nova realidade com que se depara o futebol, importa saber e conhecer o trabalho realizado nas idades mais baixas de formação, visto esta ser a base do futuro, na medida que os primeiros contactos que são proporcionados às crianças e aos jovens que pretendem aprender e treinar futebol podem revelar-se decisivos para o sucesso e a continuidade na actividade desportiva que elegeram (Garganta, 2004), pelo que se torna necessário evidenciar a importância de uma formação desportiva em que o processo de ensino-aprendizagem e a competição se situem num quadro de respeito pela educação e desenvolvimento dos praticantes.

Posto isto, este trabalho tem como objectivo geral analisar a formação que ocorre nas “Escolas de Futebol” relacionando-a com a revisão bibliográfica realizada.

Como objectivos específicos, pretendemos verificar a importância da formação dos jovens jogadores; averiguar a importância da componente táctica no processo de formação; verificar a importância do jogo para o sucesso da formação e entender de que forma é que o “futebol de rua” pode fornecer os condimentos necessários a uma boa formação de crianças e jovens praticantes de futebol.

No intento de cumprir os nossos objectivos, recorreu-se a uma metodologia que consistiu numa revisão da literatura, através da qual se procurou enquadrar o tema e evidenciar o estado actual do conhecimento que o sustenta.

Posteriormente, foi efectuada uma entrevista aberta, a qual foi posteriormente alvo de uma análise.

O presente estudo será estruturado pelos seguintes pontos:

1. O primeiro ponto, a “Introdução”, tem como objectivos: apresentar e justificar a pertinência do estudo, delimitar o problema e definir os objectivos.
2. O segundo ponto consiste numa Revisão da Literatura relacionada com o tema em apreço.
3. O terceiro ponto é a descrição do Material e Métodos adoptados.
4. No quarto ponto, consiste na Apresentação e Discussão dos resultados (entrevistas), estabelecendo-se uma relação entre a revisão da literatura e o que os entrevistados pronunciaram.
5. No quinto ponto, apresentar-se-ão as conclusões.
6. No sexto ponto, serão dadas as considerações e recomendações para futuros estudos.
7. No sétimo ponto, serão indexadas todas as referências bibliográficas mencionadas no texto dos pontos anteriores
8. No oitavo ponto, estarão os anexos (entrevistas).

2. REVISÃO DA LITERATURA

*“Todas as atitudes e comportamentos em futebol
são auto-formais, isto é, as formas mais
simples evoluem para as mais lógicas,
mais racionais e mais eficazes”*
Dufour, 1983

2.1. A formação no futebol

“A formação de um jogador é uma história interminável”
Louis Van Gaal, 1996

A evolução do desporto profissional e das exigências de rendimento impostas, levaram a que actualmente a formação de jogadores no futebol, como em qualquer outra modalidade, se tornasse um aspecto indispensável, para que no futuro possam surgir atletas de rendimento superior.

A formação é entendida como uma competência dos sujeitos em realizar uma acção, sendo entendida não só como o processo mas também como o resultado (Bento, 2006). Assim, e termos desportivos, Lima (1988) entende a formação desportiva como um processo pedagógico, onde as actividades físicas e as actividades desportivas servem, de facto, como meio educativo-formativo das crianças e jovens, devendo este processo ser global, gradual e específico, contribuindo ainda para a criação de hábitos desportivos, a melhoria da saúde bem como a aquisição de valores sociais, como a solidariedade, responsabilidade e cooperação entre outros (Pacheco, 2001).

A formação dos jovens jogadores, assume assim uma importância fulcral no futuro desportivo e social dos sujeitos, deste modo não se devem descuidar os objectivos e as características de uma boa formação, de forma a poder contribuir para uma boa formação.

2.1.1. Objectivos da Formação

“O futebol juvenil tem impressões digitais próprias, isto é, possui características que lhe dão autonomia peculiar, o que pressupõe, evidentemente, uma metodologia que se identifique com as suas necessidades e particularidades”

Leal & Quinta, 2001

Os objectivos de uma boa formação, deverão ter sempre em conta os intervenientes e serem estruturados num projecto a longo prazo, em que seja possível programar uma formação global, gradual e específica dos jovens jogadores, tendo em conta as idades de formação em que se encontram, excluindo deste modo a pressão por resultados a curto prazo.

O processo de formação desportiva e iniciação do jogador deve ter como objectivos gerais a aprendizagem de rotinas indispensáveis à prática do futebol, que se podem exprimir em simples premissas:

- o jovem jogador compreenda os princípios elementares do desporto;
- que adquira progressivamente os hábitos da prática desportiva;
- que realizem adequadamente as aprendizagens táctico-técnicas específicas;
- que possam desenvolver amplamente as qualidades motoras nas suas diversas formas de manifestação;
- que adquiram um leque o mais variado possível de experiências motoras.

No entanto, a formação desportiva tem objectivo centrado no alto rendimento, ou seja, ser capaz de formar jovens jogadores que possam mais tarde integrar as equipas seniores. Este facto faz com que por vezes os objectivos de formação se centrem nos resultados desportivos, descurando uma correcta formação.

Em muitos processos de formação, ainda se comete o erro de realizar um treino precoce altamente especializado com crianças e jovens,

objectivando-se de forma redutora chegar relativamente rápido ao sucesso, ou seja, à vitória.

Assim, e como o processo de formação não ocorre por geração espontânea, Pacheco (2001) defende os seguintes objectivos específicos para a existência de uma formação de qualidade:

- contribuir para o desenvolvimento das capacidades específicas (táticas, técnicas, físicas e psicológicas) do futebol, de acordo com as capacidades e as necessidades dos jovens;
- contribuir para uma formação geral e integral do cidadão comum;
- promover o gosto e o hábito pela prática desportiva regular, proporcionando prazer e alegria nos jovens praticantes, através de actividades a desenvolver;
- orientar correctamente as expectativas dos jovens jogadores, valorizando fundamentalmente o esforço e o progresso na aprendizagem, colocando em primeiro lugar os seus interesses e só depois as vitórias da equipa.

Todos estes objectivos devem ser garantidos para desenvolver ao máximo as competências do jovem jogador, porém, o último merece uma atenção particular, visto que muitos jovens perdem o gosto pelo desporto por influência dos adultos (treinadores, dirigentes e pais), para os quais, o desejo de vitórias a curto prazo nas competições continua a ser o objectivo primordial, subvertendo assim, toda a lógica de programas que deveriam estar centrados na formação e esquecendo que a alegria, satisfação e prazer de participar são pré-requisitos fundamentais do desporto infantil e juvenil. (Adelino et al., 2000 e Marques, 1997).

2.1.2. Características da formação

2.1.2.1 Deve ser Global

Através da formação de jovens jogadores, pretende-se promover o desenvolvimento integral da criança, demarcando metas específicas ao longo do seu processo de aprendizagem, tendo sempre como “pano de fundo” o respeito pela singularidade e pelas necessidades específicas de cada idade de formação.

Segundo Pacheco (2001), a formação desportiva deve ser encarada como “um processo globalizante, que visa não só o desenvolvimento das capacidades específicas do futebol, como também a criação de hábitos desportivos, a melhoria da saúde, bem como a aquisição de um conjunto de valores, como a responsabilidade, a solidariedade e a cooperação, que contribuam para uma formação integral dos jovens”.

De acordo com o mesmo autor, “é fundamental compreendermos, de uma forma clara, que o futebol de formação é uma escola de jogadores de futebol. Assim como a escola tradicional pretende dar uma formação cultural e académica aos cidadãos para que mais tarde possam vir a ser integrados na vida activa, a escola de futebol pretende dar uma formação adequada aos jovens futebolistas, para que mais tarde possam vir a integrar equipas seniores”.

2.1.2.2. Deve ser Gradual

A formação desportiva dos jovens jogadores é actualmente um requisito inegável no futebol. Tal como refere Proença (1984), “todo o indivíduo é portador, à nascença, de um determinado potencial genético cuja expressão está directamente dependente das experiências ou vivências que lhe são proporcionadas”. Por este motivo é importante que a formação comece cedo e acabe numa etapa avançada, cumprindo objectivos claros e distintos para cada fase do processo de formação. Pois tendo como referência a saúde física e

mental, bem como o respeito pela individualidade biológica e especificidade do desporto, é possível proporcionar um desenvolvimento harmonioso da criança, e também a criação de condições para a optimização do seu rendimento (Marques, 1991). De acordo com Marques, encontra-se Mesquita (1997), que refere, que “a formação deverá ocorrer o mais cedo possível”, mas sempre “com respeito pelas leis do treino e pelo estado de desenvolvimento do atleta”.

É importante saber que a formação é gradual, é um processo a longo prazo, pelo que a evolução dos jovens jogadores se vai notar a vários níveis de desenvolvimento ao longo do tempo. Assim, é importante fornecer as mesmas oportunidades de formação a todos os jovens jogadores e não só aos que se apresentam maturacionalmente mais desenvolvidos nas idades mais baixas, porque o processo de evolução é contínuo e específico a cada um.

No processo de formação deve-se ter em consideração o talento e não a força e estatura, porque nas últimas etapas de formação os mais atrasados em termos maturacionais podem ultrapassar os avançados maturacionalmente, que se encontram muitas das vezes em fases de estagnação.

2.1.2.3. Deve ser Específica

O processo de formação deve ser o mais específico possível, porque para ocorrer uma boa formação, os jovens jogadores devem estar perfeitamente adaptados às realidades que encontram.

Assim, tendo em conta as capacidades e necessidades dos jovens, o processo de treino da formação deve ter como base de trabalho, situações abertas ao imprevisível e ao aleatório, pressupostos inerentes à essência do jogo de futebol, assim como uma reflexão metódica e organizada do jogo, de forma a ocorrer um entendimento específico e global do jogo e não através da decomposição deste em partes, pois esta forma retira a especificidade que o jogo de futebol contém.

2.1.3. As diferentes etapas de formação

*“A natureza ordenou que os jovens sejam jovens antes de serem adultos.
Se pretendemos alterar esta ordem, produziremos só frutos verdes sem sumo”*

Jean Jacques Rousseau

No futebol de formação assim como em outros desportos e actividades sociais, é necessário respeitar a evolução dos intervenientes, de forma que a formação seja gradual e com objectivos a longo prazo, não “queimando” etapas que mais tarde podem ser muito importantes para o desempenho dos diferentes sujeitos.

Garganta & Pinto (1998), referem que “o ensino do futebol pode ser constituído por um processo de construção durante o qual os praticantes vão integrando níveis de relação cada vez mais complexos, de acordo com diferentes elementos do jogo (bola, balizas, colegas, adversários)”. Daqui se depreende que o processo de formação deve respeitar uma sequência de etapas formativas, adequadas ao nível das invariantes estruturais (número de jogadores, espaço e tempo de jogo) e ao nível de desenvolvimento dos jovens jogadores.

Assim, de acordo com o referido anteriormente, torna-se indispensável definir claramente objectivos formativos para cada etapa de formação, que respeitem simultaneamente a individualidade psico-biológica dos jovens jogadores.

São comumente aceites 3 etapas de formação. A etapa pré-formativa, dos 6 aos 8 anos de idade, a etapa de iniciação, dos 8/10 (Escalão de Juniores E – Escolas) aos 10/12 (Escalão de Juniores D – Infantis) anos de idade e a etapa de especialização, dos 12/14 (Escalão de Juniores C - Iniciados) aos 14/16 anos de idade (Escalão de Juniores B - Juvenis). No nosso estudo apenas iremos abordar as etapas dos 6 aos 12 anos de idade, porque são as idades mais frequentes nas Escolas de Futebol.

2.1.3.1. Etapa Pré-Formativa: dos 6 aos 8 anos de idade

Esta, parece ser uma etapa particularmente importante do desenvolvimento motor da criança e por este motivo a quantidade e qualidade da prática desportiva proporcionada nesta etapa, poderá exercer grandes benefícios posteriormente. Segundo Vasconcelos (1994) “biologicamente, o terreno está nesta fase, preparado para o desenvolvimento da coordenação motora, já que o comando e a regulação neuromuscular ou sensório-motora dos movimentos pertence manifestamente ao domínio das funções elementares cuja a adequação e desenvolvimento se processam muito cedo. As capacidades de coordenação, devem portanto, ser exploradas ao máximo e de uma forma muito global”.

A metodologia a utilizar para o desenvolvimento destes conteúdos, deverá ser sobretudo global, em vez de analítica, recorrendo a actividades que busquem uma ampla base motriz e que sejam motivantes, empregando constantemente o jogo como meio de exercitação. Segundo Bompa (1999), deve-se modificar o ambiente de jogo, os equipamentos, simplificar as regras e utilizar as actividades onde as crianças tenham uma elevada participação, proporcionando-lhes inclusivamente a possibilidade de organizar os seus próprios jogos e exercícios, para encorajar o desenvolvimento da criatividade e imaginação. Segundo o mesmo autor, deve-se ainda enfatizar nesta etapa a importância da ética e do fair play.

2.1.3.2. Etapa de Iniciação: dos 8/10 (Escalão de Juniores E – Escolas) aos 10/12 anos de idade (Escalão de Juniores D – Infantis)

Esta etapa caracteriza-se pelo facto dos jovens jogadores poderem praticar futebol federado, com competições formais e regulares.

Nesta etapa de formação devem-se ter em conta os seguintes princípios:

- o treino não deve ser orientado para a obtenção de rendimentos máximos imediatos;
- utilização predominante da metodologia global – jogo;
- grau de complexidade reduzida (grupos pequenos e espaços largos) e número elevado de repetições dos exercícios táctico-técnicos;
- apropriação consciente das acções tácticas e execução correcta dos exercícios técnicos;
- as acções individuais devem aperfeiçoar-se em situações globais e pode iniciar-se o ensino das acções colectivas mais simples,
- as formas de competição adoptadas poderão variar entre 5x5 e 7x7;
- a nível motor é fundamental o respeito pelas leis de crescimento e desenvolvimento da criança, assim como a definição da lateralidade (desenvolvimento do lado fraco e aperfeiçoamento do lado forte).

(Ferreira, 1983; Garfia & Buñuel, 1998, cit. Fernandes, 2004)

Segundo Vasconcelos (1994), esta etapa é caracterizada por uma “grande plasticidade do córtex cerebral que permite nesta idade (8/10 anos) um desenvolvimento acentuado das capacidades de coordenação, correspondendo este escalão etário a uma fase na qual as possibilidades de desenvolvimento das capacidades coordenativas fundamentais se mostram particularmente favoráveis”. Por sua vez, após os 10 e até aos 12 anos, a autora refere que “as crianças estão aptas a aprender com facilidade e rapidez novas habilidades motoras, como consequência de uma plasticidade ainda elevada do córtex cerebral e de uma boa capacidade de percepção (aumento das capacidades de análise) e de tratamento de informação”.

O treino das capacidades condicionais não deverá ser prioridade desta etapa de formação, uma vez que esta etapa ocorre antes da puberdade,

assim de acordo com Marques & Oliveira (2002) “ as prioridades do treino devem ser de dimensão informacional – cognitiva e coordenativa – da actividade e após este período seja mais valorizada a dimensão condicional – bioenergética e funcional – da actividade desportiva”. Bompa (1999) refere ainda que se devem utilizar exercícios que desenvolvam a concentração e o controlo da atenção, porém a ênfase deve ser dada à ética, fair play e garantir que os jovens se divirtam no desporto.

2.2. O jogo de futebol

*“O futebol é uma combinação de organização colectiva,
mas de exaltação da capacidade individual”*

Valdano, 1998

O futebol é um Jogo Desportivo Colectivo que opõe duas equipas numa relação de adversidade, cujo objectivo é a obtenção da posse de bola e a introdução da mesma numa baliza evitando que o adversário o faça, no sentido de obter a vitória.

O jogo de futebol, na sua essência, é uma actividade em que duas equipas, numa relação de oposição, coordenam a sua acção de forma a recuperar, conservar e mover a bola de maneira a transportá-la para a zona de finalização e finalizar (Deleplace, 1979 cit. Gréhaigne & Godbout, 1995).

É também, um jogo de polaridades, entre as equipas, jogadores, ataque e defesa, entre cooperação e oposição, consiste assim segundo Dunning (1994), num dos exemplos mais claros de um acontecimento caótico.

Deste modo, o jogo de futebol caracteriza-se por complexas relações de oposição e de cooperação que decorrem dos objectivos de jogadores e equipas, assim como, do conhecimento que estes possuem do jogo, de si próprios e do adversário (Garganta & Oliveira, 1996).

O jogo de futebol, caracteriza-se ainda pela aciclicidade técnica, solicitações morfológicas-funcionais diversas e intensa actividade psíquica, num contexto permanentemente variável, de cooperação-oposição (Garganta e

Pinto, 1994) com uma importância capital dos aspectos estratégico-táticos onde a tomada de decisão precede a execução (Garganta, 1997).

Assim, se depreende que o jogo de futebol é um jogo eminentemente tático, onde esta característica, adquire o seu mais alto nível de expressão, dado que o jogo não permite acções pré-determinadas (Greco & Chagas, 1992).

As capacidades solicitadas aos jogadores são condicionadas fundamentalmente pelas imposições/alterações que decorrem ao longo do jogo, deste modo, a intervenção dos jogadores vai muito além do domínio das habilidades técnicas, baseando-se sobretudo em princípios de acção, regras de gestão de jogo e habilidades perceptivas e decisórias (Gréhaigne & Guillon, 1992).

Durante o jogo, o jogador é confrontado com uma complexidade de situações, entre elas, ter que seleccionar a resposta adequada à situação que se lhe depara, o que requer conhecimento tático e executar essa mesma resposta, onde necessita de competência e conhecimento técnico (Garganta, 1997), pois só assim é capaz de decidir e seleccionar qual a solução mais consentânea com a situação de jogo na qual se depara.

2.2.1. As dimensões do jogo

Perante este quadro de complexidade, são várias as dimensões apontadas como primordiais na formação de jovens jogadores de futebol, sendo apontadas tradicionalmente do ponto de vista teórico e conceptual, as dimensões tática/estratégica, técnica, física ou energético-funcional e psicológica (Garganta 1997).

A importância hierárquica que cada dimensão assume na qualidade dos desempenhos, está dependente das concepções e das ideias de jogo, de ensino e de treino que os professores e treinadores privilegiam. No entanto, essas concepções estão relacionadas com diferentes correntes de pensamento (Garganta, 1994).

Sendo o futebol um jogo de implicação tático-estratégica, desde logo se depreende que a dimensão tática é reconhecida como a geradora e condutora de todo o processo de jogo, de ensino e de treino, uma vez que o principal problema colocado às equipas e aos jogadores é sempre de ordem tática (Teodorescu, 1984; Queirós, 1986; Frade, 1989; Garganta, 1997).

Assim, e de acordo com Oliveira (2004), “deve-se entender a tática não apenas como uma das dimensões tradicionais do jogo mas sim como a dimensão unificadora que dá sentido e lógica a todas as outras. Deste modo, a tática funciona como interacção das diferentes dimensões, dos diferentes jogadores, dos diferentes intervenientes no jogo, isto é, jogadores e treinadores, e dos respectivos conhecimentos que estes evidenciam.”

A tática de jogo, baseia-se no aproveitamento dos conhecimentos adquiridos em experiências anteriores, na capacidade de observação, na captação e apreciação da situação de jogo, na adopção oportuna da decisão ajustada, socorrendo-se para tal da percepção, memória e imaginação criadora (Matveiev, 1990). Deste modo, concordamos com Garganta & Cunha e Silva (2000), quando defendem que: “cada sujeito percebe o jogo, as suas configurações, e função das aquisições anteriores e do estado presente. Perante o fenómeno jogo, o observador constrói uma paisagem de observação, entendida como um conjunto de estímulos organizados face ao ponto de vista que ele possui sobre o fenómeno.”

A definição mais simples de tática, segundo Moya (1996) é de utilização inteligente da técnica, fundamentada na capacidade de agir e pensar de forma criativa e autónoma (Araújo, 1992; Malho, 1980).

Pensar e saber o que fazer, e quando o fazer, parece ser tão determinante como o saber fazer. Mais importante do que “como” é o “quando”, desenvolvendo um pensamento tático criativo (Araújo, 1995). Este pensamento tático/estratégico da lógica motora processa-se pelo menos em três fases: (i) a percepção e análise da situação e sucessos do jogo; (ii) a solução mental do problema ou acção; e por fim (iii) a solução e resposta motora (Malho, 1980).

A dimensão da técnica, é um factor de extrema importância para a concretização do jogo individual e colectivo, uma vez que materializa e

exterioriza a inteligência e a intencionalidade táctica (Lima, 2001). O ensino e treino dos aspectos técnicos não pode restringir-se às componentes biomecânicas da execução, mas sobretudo à escolha e ajuste do gesto à situação que se apresenta (Malho, 1980; Garganta & Pinto, 1994).

O problema da realização das acções técnicas no jogo de futebol, resulta da necessidade que os jogadores têm em identificar e prestar atenção, em simultâneo, às informações visuais proprioceptivas e cognitivas (Jacques & Michel, 1984 cit. Costa, J. 2001). Importa deste modo, que a execução de um gesto técnico no jogo, privilegie a interacção com o envolvimento (Malho, 1980), sendo fundamental deste modo, a colocação dos jogadores perante situações que o ensinem a “ver” e a utilizar a melhor opção técnica de acordo com a exigência específica da situação de jogo. O que se pretende, é que a utilização da técnica no jogo de futebol não seja descontextualizada, mas sim uma técnica qualitativa, caracterizada por uma fusão da fase final do gesto precedente com a fase preparatória do gesto que lhe sucede, constituiu-se, deste modo, uma fase intermédia de antecipação do gesto seguinte, não só sobre o aspecto técnico-motor, mas também sobre o aspecto mental e táctico (Malho, 1980).

Em relação à dimensão física ou energético-funcional, podemos referir que possui um papel muito importante na realização de um jogo de futebol, visto suportar as imensas solicitações fisiológicas do corpo, de modo a fornecer energia à realização das diferentes acções táctico-técnicas.

As solicitações predominantes no jogo de futebol, caracterizam-se por um esforço intermitente, com elevada percentagem de deslocamentos de velocidade alta.

O principal fornecedor de energia no futebol é o sistema aeróbio. A intensidade média de esforço solicitada ao futebolista é de 70% do consumo máximo de oxigénio. Apesar da importância energética do sistema aeróbio, o fornecimento de energia através da decomposição anaeróbia dos fosfatos de alta energia, durante exercícios de alta intensidade como sprints, também possui relevância no fornecimento energético do futebolista (Bangsbo, 1997).

A dimensão psicológica revela-se não apenas na forma como o jogador lida com a situação mas igualmente na forma como adquire, assimila e

interpreta o jogo. A qualidade da performance atlética é determinada, como já demonstramos, por vários factores. Do ponto de vista psicológico, trata-se de uma combinação de processos motivacionais, volitivos, emocionais e cognitivos expressos na actividade motora específica dos desportos colectivos. Dentro destas, as capacidades cognitivas do jogador ocupam uma posição central, dentro do sistema de factores, que detêm uma influência decisiva na performance (Schellenberger, 1990 cit. Costa, 2001).

2.2.2. A complexidade do jogo

A natureza e diversidade dos factores que concorrem para o rendimento desportivo, faz do jogo de futebol uma estrutura multifactorial de grande complexidade (Dufor, 1991 cit. Faria, 1999), visto ser um jogo imprevisível e aleatório, resultado do envolvimento aberto onde decorre.

Para quem assiste a um jogo de futebol, o jogo configura-se simples, no entanto, quem joga apercebe-se que está em presença de um fenómeno complexo, porque num determinado momento o jogador deve ter a noção da posição da bola, dos colegas e adversários e ainda do alvo que deve atacar e defender. Se à partida a posição dos alvos é conhecida, a localização dos colegas e adversários muda a cada instante, devido à movimentação da bola. Estes factos estão de acordo com Oliveira (2004), que refere que “a complexidade do jogo é o próprio jogo, ou seja, a interacção entre as duas equipas, as interacções entre os jogadores da mesma equipa, o jogo das previsibilidades e imprevisibilidades, que constantemente se confrontam, a aleatoriedade dos acontecimentos, a capacidade de criação das equipas e dos diferentes jogadores, a qualidade do jogo e dos jogadores e, consequentemente os problemas levantados, proporcionam um meio complexo e caótico que, para ser perceptível, tem de ser gerado e analisado nesse envolvimento”.

2.2.3. A especificidade do jogo

A especificidade deve ser entendida como um conceito aberto ao imprevisível, ao aleatório, ao acaso, pressupostos inerentes à essência do jogo de futebol (Carvalhal, 2001).

Sendo o futebol um jogo de características próprias e singulares, a preparação deverá ser cada vez mais específica, impondo-se assim a necessidade de possuir um vasto conhecimento das características e exigências do jogo para permitir uma adequada formação.

Para Teodorescu (1984), a tarefa mais importante e difícil que se coloca no treino, é a de correlacionar a lógica didáctica com a lógica interior do jogo, sendo necessário uma análise sistemática da estrutura do jogo, no sentido de definir, com precisão a sua lógica interior. Todo o processo de treino, deve decorrer da reflexão metódica e organizada da análise competitiva do conteúdo do jogo, ajustando-se e adaptando-se a essa realidade (Castelo, 1996).

Segundo Oliveira (1991), “treinar é criar ou trazer para o treino, situações táctico-técnicas e táctica-individual que o jogo requisita, implicando nos jogadores todas as capacidades, através do modelo de jogo e respectivos princípios adoptados”.

Deste modo, torna-se necessário que o treino reflecta a representação do real, ou seja, os momentos de competição, fornecendo através dos exercícios, um conjunto de estímulos que permitam agir em condições aleatórias e adversas (Frade, 1998). Os exercícios devem na sua própria essência reproduzir, de forma parcial ou integral, o conteúdo e a estrutura do jogo, não desvirtuando a realidade competitiva (Teodorescu, 1984), estes devem ser elaborados de acordo com o modelo de jogo de cada treinador, retirando do jogo fracções do mesmo (reduzir sem empobrecer), decompondo-o e operacionalizando-o em acções também elas complexas, não com o intuito de o partir mas sim de privilegiar as relações e os hábitos colectivos (Carvalhal, 2001).

Oliveira (1991), refere ainda o quão importante é a manutenção da especificidade em todo o processo de treino, para que o desenvolvimento dos atletas e respectivas equipas seja uma realidade.

2.2.3.1. Futebol, um jogo eminentemente tático

“Não é o treino que torna as coisas perfeitas, mas antes o perfeito treino que permite obter a perfeição”

Frade, 1985

A componente tática é a supracomponente do jogo de futebol, e deve ser esta a coordenar todo o processo de treino (Frade, 2005b).

As situações de jogo reclamam uma atitude tática permanente, uma vez que estas determinam a direcção dos comportamentos a adoptar pelos jogadores (Konzag, 1983), sendo a tática uma construção no decurso da acção.

Gréhaigne (1992), refere que o desenvolvimento da atitude tática supõe o desenvolvimento da atitude de decidir e de decidir rapidamente, estando esta dependente da atitude de conceber soluções, significando que o desenvolvimento das possibilidades de escolha necessita do desenvolvimento de conhecimentos. A acção tática é assim um complexo mecanismo que engloba a percepção e análise da situação, decisão a tomar e consequente execução (Malho, 1980).

Segundo Uriodo (1997, cit. Costa 2001), existem “inúmeros jogadores que nos testes técnicos obtêm a máxima pontuação, a sua capacidade de drible perante um obstáculo imóvel, os seus malabarismos, as suas fintas são tecnicamente perfeitas, mas perante a aplicação no terreno de jogo não têm a mesma eficácia, quando fazem um drible, fazem-no bem, mas fora de tempo, quando rematam fazem-no bem, mas às mãos do guarda-redes”. Considerando estas dificuldades que o jogo enfatiza, Garganta & Pinto (1998) entendem que a verdadeira dimensão técnica repousa então na sua utilidade para servir a inteligência e a capacidade de decisão tática dos

jogadores e das equipas no jogo. Um bom executante é, antes de mais, um indivíduo capaz de seleccionar as técnicas mais adequadas para responder às sucessivas configurações do jogo, isto implica, que o jogador deve saber o que fazer para resolver os problemas que o jogo lhe coloca.

Este facto, reflecte a ideia de que a tomada de decisão exerce um papel primordial no desenvolvimento do conhecimento específico do jogo por parte dos jogadores, tornando-se por isso indispensável o desenvolvimento de processos cognitivos no ensino e treino do futebol, colocando os jogadores perante situações que abranjam a percepção e análise da situação, a decisão a tomar e consequente execução, tudo isto sobre uma atitude táctica permanente (Malho, 1980; Ucha, 2001 cit. Vieira, 2003).

2.2.3.2. Tomada de decisão táctica

“Aprende-se a jogar, jogando”

Araújo, 1995

Schellenberger (1990, cit. Costa et al., 2002) define a tomada de decisão como a capacidade de tomar decisões rápidas e tacticamente exactas, constituindo uma das mais importantes capacidades do jogador, sendo responsável pelas diferenças inter-individuais de rendimento.

A variação sistemática das situações momentâneas do jogo reduz consideravelmente a coerência dos acontecimentos, elevando a complexidade dos processos de decisão, dado que o jogador terá de ter em atenção um maior número de variáveis para dar uma resposta motora adequada.

As respostas fornecidas ao longo do jogo devem ser reformuladas continuamente pelos jogadores, em sintonia com as jogadas dos colegas de equipa, dos movimentos da bola, da posição em relação à baliza e da própria acção dos adversários. Os jogadores têm de decidir a melhor acção possível, no menor espaço de tempo e executar essa acção de forma rápida e precisa, influenciando a qualidade e o resultado da mesma (Schellenberger, 1990, cit. Costa et al., 2002).

A decisão pode ser entendida como um processo humano complexo, no qual todo o conjunto dos processos de selecção e de escolha, devem ser referenciados à situação em que ocorre, ao indivíduo que toma a decisão e à decisão propriamente dita e não exclusivamente ao acto final (Tavares, 1993).

Os desportos de contexto e envolvimento complexo como é o caso do futebol, estão sujeitos a processos de tomada de decisão, encontrando-se vinculados aos processos cognitivos (Greco, 1995 cit. Costa, 2001). Devido ao número de colegas de equipa e adversários e da riqueza de opções disponíveis, os jogadores deparam-se com condições complicadas de tomada de decisão. Para se tomar a melhor decisão, os jogadores devem, inicialmente, considerar os objectivos da sua acção (ex: marcar golo) e determinar um plano de acção apropriado (ex: a execução de uma acção técnica específica que permita aproximar-se do alvo e rematar). O passo final envolve a tentativa de implementar essa acção (Schellenberger, 1990, cit. Costa, 2001).

Tendo em conta a complexidade do processo de decisão, o jogador deverá ter em atenção (Sanchez Bañuelos, 1986 cit. Costa, 2001):

- número de decisões e objectivos da tarefa;
- número de respostas alternativas em cada decisão;
- tempo exigido para a tomada de decisão;
- ordem sequencial das decisões;
- número de elementos necessários a recordar para tomar a decisão.

No caso do jogo de futebol, o elevado número de jogadores e a infinidade de acções e decisões possíveis no contexto do jogo tornam a tomada de decisão bastante complexa, tornando-se assim num aspecto relevante a ter em conta no processo de ensino-aprendizagem do futebol.

2.2.3.3. A influência do conhecimento declarativo e processual na tomada de decisão

Alves & Araújo (1996) consideram que a qualidade de tomada de decisão do atleta em situação de jogo depende do seu conhecimento declarativo e processual específicos, das suas capacidades cognitivas, da capacidade (competência) no uso das capacidades cognitivas, das preferências pessoais e dos factores motivacionais.

A aprendizagem declarativa relaciona-se com a aquisição de saberes que, posteriormente, são requisitados às memórias episódica e semântica. A aprendizagem processual corresponde à aquisição de saberes relacionados com as capacidades para realizar tarefas complexas sem haver necessidade de recorrer a recordações conscientes (Cohen & Squire, 1980; Anderson, 1983 cit. Oliveira, 2004).

Segundo Ryle (1949, cit. Oliveira, 2004) o conhecimento declarativo relaciona-se com o “saber o quê” e o conhecimento processual com o “saber como”. O “saber o quê” diz respeito aos conhecimentos que são possíveis verbalizar e que estão implicados com as memórias episódica e semântica. O “saber como” são conhecimentos ligados à capacidade de realizar tarefas simples e complexas, sem que haja necessidade de envolvimento de recordações conscientes.

Assim, segundo Oliveira (2004), o conhecimento declarativo é todo o tipo de conhecimento que pode ser expresso ou declarado através da verbalização, podendo ser explicado ou transmitido por palavras e não está necessariamente relacionado com a situação em que pode estar a ser utilizado. Este conhecimento está relacionado com o que fazer perante determinada situação e é acessível de forma consciente (Cohen, 1984; Eysenck & Keane, 1994 cit. Oliveira, 2004).

Ainda segundo Oliveira (2004), o conhecimento processual é um tipo de conhecimento que está relacionado com a realização de acções e é especificamente ajustado para ser aplicado em situações específicas. Não se é capaz de verbalizar a acção, portanto não se consegue explicar, é um conhecimento que se manifesta de forma não consciente (Cohen, 1984;

Eysenck & Keane, 1994 cit. Oliveira, 2004). O conhecimento processual está relacionado com o saber executar uma acção para resolver determinada situação.

Estes dois tipos de conhecimento estão relacionados entre si, dado a forma como o jogador analisa as situações de jogo está dependente da forma como ele percebe o jogo (Garganta, 1997).

2.3. O ensino e a aprendizagem do jogo de futebol

*“O jogador é um ‘criador potencial’. Os grandes jogadores
Desenvolveram as suas potencialidades no “futebol de rua”.
Quem não se recorda de Pelé, Eusébio, Maradona, Rivaldo, Ronaldo,
Garrincha e tantos outros, que importaram para a ‘ordem’ (futebol
de alta competição) a ‘desordem’ de um futebol de bairro, não construído”*
Carvalhal, 2001

O ensino do futebol não pode ser desintegrado das características singulares que lhe conferem uma especificidade particular, entre as quais se destaca o facto de ser um jogo imprevisível e aleatório, resultado do envolvimento aberto onde se disputa.

O ensino é considerado o processo que está relacionado com a transmissão de conhecimentos. Para que este processo tenha significado, é necessário a existência de uma entidade que interioriza, assimila e reestrutura esses conhecimentos (Godinho, Barreiros et al., 2002 cit. Oliveira, 2004), que no caso do futebol são os jogadores.

No processo de ensino-aprendizagem, tanto quem ensina como quem aprende são agentes activos no processo, logo condicionam a evolução do mesmo. Deste modo, o ensino e a aprendizagem são processos distintos mas devem ser tratados em simultâneo, uma vez que fazem parte de uma dialéctica permanente entre quem ensina e quem aprende.

O procedimentos, técnicas, sistemas e métodos utilizados no ensino do futebol têm variado bastante nas últimas décadas, sendo agora reconhecido, que as condições de ensino/treino devem aproximar-se o mais

possível das condições reais de jogo, quer na alta competição, quer nas etapas de aprendizagem e formação do praticante (Queiroz, 1986), proporcionando-lhe, desde o início da sua actividade, uma tomada de decisão activa, formulação de juízos, compreensão do contexto em que o jogo decorre e estímulo da imaginação e criatividade (Read & Davis, 1990; Graça, 1994; Tavares, 1994; cit Costa, 2001).

A dificuldade do ensino do futebol, reside assim na dificuldade em encontrar formas de transformar a complexidade do jogo em partes mais simples que contenham o todo do jogo, de forma a reduzir sem empobrecer.

O ensino do futebol terá que visar a formação de jogadores inteligentes, tornando-os capazes de actuar e tomar decisões em função da leitura das diferentes situações que o jogo lhes oferece (Mangas, 1999). Deste modo, o jogo exige dos praticantes uma grande capacidade perceptiva (Garganta e Pinto, 1994). Assim, os jogadores devem saber o que fazer, para depois seleccionar como o fazer, ou seja, “um saber sobre um saber fazer” (Frade, 2005) utilizando para isso a acção motora mais adequada ao problema com que se deparam, sendo este processo, uma tomada de decisão táctica.

Deste modo, Mahlo (1980) estabeleceu três fases fundamentais para a actividade de jogo:

- 1) A percepção e análise da situação (sendo o seu resultado o conhecimento da situação);
- 2) A solução mental do problema (sendo o seu resultado a representação duma tentativa);
- 3) A solução motora do problema (sendo o seu resultado a solução prática).

Este escalonamento das tarefas do jogo permite, segundo o autor, uma maior e melhor correspondência com a realidade da acção. Deste modo, as fases devem ser entendidas como uma sucessão em estreita correlação.

A base do jogo segundo Romero Cerezo (2000) concretiza-se na relação de oposição-cooperação, em função dum conjunto de regras que condicionam os aspectos tácticos, técnicos, físicos, o espaço e o tempo de jogo. A partir deste contexto, o jogador estabelece mecanismos de percepção,

decisão e execução que lhe proporcionarão criar meios específicos de resposta aos problemas colocados pelo jogo.

Desta forma, o processo de treino/aprendizagem visa induzir alterações de comportamentos e atitudes nos jovens jogadores, o problema central que se coloca é o de saber como viabilizar uma formação eficaz baseada na compreensão e na harmonização das capacidades e habilidades para treinar e jogar. Neste sentido, o treino é sobretudo um processo de aquisição de um repertório de atitudes, em vários planos, ou seja, treina-se para se ser melhor do que já se era, procurando-se saber cada vez mais e fazer cada vez melhor. Por isso, compete ao professor/treinador formar e capacitar os jovens, no respeito pela tríade: saber, saber fazer e saber estar (Garganta, 2006)

2.3.1. O ensino e treino do jogo baseado na sua compreensão

“Não se pode aprender apenas mecanizando e repetindo gestos técnicos (...) é fundamental que a criança desabroche, desenvolva dons e dê asas ao seu talento”

Horst Wein, 2006

Diversos autores (Oslin, 1996; Werner et al., 1996; Grilffin et al., 1997; cit. Oliveira, 2004) perspectivaram o ensino dos jogos desportivos colectivos em função da sua compreensão, concepção denominada de “Teaching Games for Understanding”. Nesse sentido, os autores destacam a necessidade do ensino ser constituído por jogos tácticos de complexidade adaptada ao nível qualitativo dos alunos/jogadores, para que dessa forma estes possam evoluir.

Actualmente, a perspectiva de ensino e treino mais emergente é aquela que a partir de uma análise do jogo e da sua estrutura, apresenta o ensino e o treino de uma forma mais global, com uma dimensão mais complexa e mais próxima da realidade do jogo. Esta visão emergiu no sentido de superar a tendência dominante de corte analítico, mecanicista e técnico (Costa, 2001).

Esta metodologia de ensino/treino procura confrontar os alunos/jogadores com situações práticas, nas quais a lógica do movimento seja entendida de uma forma progressiva, para que quando lhe seja apresentado o problema, na sua globalidade, tenha possibilidades de o superar com êxito.

Tendo em atenção estes aspectos, Graça (1994) elaborou um conjunto de condições básicas à sua consecução:

- exercitar, desde muito cedo, em contextos variáveis e diversificados;
- não praticar determinada habilidade de forma fechada durante muito tempo;
- exercitar a resposta (o como) e o uso da resposta (o quê e quando);
- privilegiar um conjunto de situações com uma configuração semelhante aos problemas do jogo (contextos específicos).

Deste modo, cabe a professores e treinadores a obrigação de estimular e desenvolver nos seus alunos/jogadores a capacidade de raciocínio táctico, mediante situações variáveis que proporcionem a reflexão e compreensão sobre a acção (Ruiz Pérez, 1994; Fonseca, 1996; cit. Costa, 2001).

2.4. As diferentes concepções de ensino do jogo de futebol

O ensino do jogo de futebol assumiu ao longo dos tempos várias concepções de ensino.

Nos primórdios da evolução do futebol a concepção de ensino era centrada no “futebol de rua”, onde a aprendizagem ocorria de forma não organizada e em que os intervenientes controlavam a sua própria evolução. No entanto, com o decorrer dos anos esta concepção de ensino foi desaparecendo, dando lugar a novas concepções.

De acordo com Garganta (1994), podemos considerar três tipos de concepções, a analista, a estruturalista e sistémica, que são referidas pelo autor, como sendo três possíveis formas didáctico-metodológicas. A forma centrada nas técnicas, a forma centrada no jogo formal e por fim a forma centrada nos jogos condicionados.

A forma centrada nas técnicas desmonta o jogo em habilidades técnicas que são ensinadas analiticamente, hierarquicamente e descontextualizadas relativamente ao jogo, promovendo um jogo pouco evoluído, em que os jogadores apresentam défices de conhecimentos específicos e de compreensão do jogo.

A forma centrada no jogo formal utiliza o jogo formal como aspecto central do processo de ensino. O jogo não é desmontado nem técnica nem tacticamente. A abordagem é feita de uma forma global em que a tática surge como resposta aos problemas que o jogo levanta e a técnica surge como concretização dessas respostas. Esta concepção de ensino, embora centrada no jogo não é satisfatória, uma vez que não consegue proporcionar uma densidade de comportamentos desejados, tanto técnicos como tácticos, que possibilitem maximizar o desenvolvimento das capacidades e dos conhecimentos específicos individuais, sectoriais, inter-sectoriais, grupais e colectivos dos jogadores e da equipa.

Por fim a forma centrada nos jogos condicionados caracteriza-se pela decomposição do jogo em unidades funcionais, ou seja, a complexidade inerente ao jogo em função da interacção das dimensões táctica, técnica, psicológica e fisiológica é decomposta em unidades funcionais que contenham essas interacções, mas com níveis de complexidade inferiores. Assim, o jogo apresenta problemas que são direccionados através de situações criadas, proporcionando os comportamentos desejados através da compreensão do jogo que o professor/treinador promove. Esta concepção, evidencia um desenvolvimento das capacidades e dos conhecimentos específicos dos jogadores.

No Quadro 1, podemos ver de forma reduzida as características e consequências de cada concepção de ensino.

Quadro 1: Características e consequências das diferentes concepções de ensino (Garganta, 1994).

	Forma Centrada nas Técnicas	Forma Centrada no jogo formal	Forma Centrada nos jogos condicionados
Características	• Das Técnicas analíticas para o jogo formal; • O jogo é decomposto em elementos técnicos; • Hierarquização das técnicas.	• Utilização exclusiva do jogo formal; • O jogo não é condicionado nem decomposto; • A técnica surge para responder a situações globais não orientadas.	• Do jogo para as situações particulares; • O jogo é decomposto em unidades funcionais; • Jogo sistemático de complexidade crescente; • Os princípios do jogo regulam a aprendizagem.
Consequências	• Acções do jogo mecanizadas, pouco criativas; • Comportamentos estereotipados; • Problemas na compreensão do jogo (leitura deficiente, soluções pobres).	• Jogo criativo mas com base no individualismo; • Virtuosismo técnico contrastando com anarquia táctica; • Soluções motoras variadas mas com inúmeras lacunas tácticas e descoordenação das acções colectivas.	• As técnicas surgem em função da táctica, de forma orientada e provocada; • Inteligência táctica: correcta interpretação e aplicação dos princípios do jogo; • Viabilização da técnica e criatividade nas acções do jogo.

2.5. “Futebol de Rua”

“A maioria dos grandes jogadores, nasceu para o futebol a jogar descalço”

Frade, 2005

“Quem me ensinou a jogar?

A bola...

Maradona, 2001

Longe vão os tempos em que crianças e jovens dispunham de tempo e condições suficientes para a prática de actividades lúdicas e espontâneas. Hoje, a quantidade torrencial de matérias e de horas lectivas que a escola crescentemente lhes impõe, associada ao crescimento urbano desenfreado, sonegam, cada vez mais, o direito à fruição dessas actividades e anunciam o seu desaparecimento (Garganta, 2004). As cidades crescem e os espaços verdes são substituídos por grandes torres ou espaços comerciais, as brincadeiras de criança são substituídas pelos telemóveis e videojogos entre outros entretenimentos.

O chamado “futebol de rua”, onde as crianças imaginavam balizas em bancos de jardim ou em duas pedras colocadas em pontos estratégicos de uma rua esvanece-se e todas aquelas horas de lazer que indirectamente serviam para apurar a capacidade técnica e criativa dos jovens que procuravam formas de conseguir a finta ou o golo que lhes traria fama ou o rótulo de craque nas redondezas, deixaram de existir.

Pacheco (2001) refere que nos primórdios da evolução do futebol, a aprendizagem era feita de uma forma não organizada, na rua ou em terrenos baldios e irregulares, com bolas de diferentes texturas e dimensões e sem a presença de qualquer treinador, através de pequenos jogos de 3x3, 4x4... consoante o número de participantes existentes, em espaços variados (largos ou compridos) e com dimensões reduzidas. A aprendizagem era feita, fundamentalmente, através de pequenos jogos ou através do jogo formal

(método global), por ensaio e erro, em que o jogador controlava a sua própria aprendizagem, o que originou o aparecimento de muitos jogadores dotados de um grande virtuosismo técnico.

Estes factos, justificam em parte, a escassez do aparecimento de miúdos denominados popularmente por “artistas da bola”, uma vez que surgem em menor número, muito por culpa da extinção do “futebol de rua” e a crescente especialização nas escolas de formação dos clubes.

Existem imensos exemplos que corroboram a importância de um tempo em que as crianças e jovens devem jogar o jogo isento de regras e restrições de forma a poderem evoluir de um modo global sem dar demasiada importância a uma determinada componente do jogo.

Estes factos são manifestados com clareza por Frade (2005) ao referir que “há tempo fizeram uma entrevista ao Pelé e perguntaram-lhe o que ele achava ter de diferente dos “super craques” para o considerarem “super super craque”, ao que ele respondeu: ter tido a felicidade de na rua onde morava ter mais buracos que nas ruas dos outros”. Outro exemplo, é o caso de Ronaldinho Gaúcho, este jogador faz o que faz mas não nasceu assim, passou por um processo de formação, sendo que por certo, o “futebol de rua” exerceu grande importância (Costa, 2006). Com estes relatos de exemplos de grandes jogadores que foram sujeitos, no seu crescimento, ao impacto do “futebol de rua”, parece-nos que este fenómeno tem um papel essencial na possibilidade de evolução do jogador de futebol. Neste contexto, Dias (2005) afirma que o “futebol de rua” parece ser um marco fundamental no processo de formação dos jogadores.

Assim, podemos referir que o fenómeno “futebol de rua” pode ser um bom ponto de partida para eleger algumas referências para ensinar e treinar o jogo de futebol, porque mais do que lamentar o facto do desaparecimento do “futebol de rua”, importa reconhecer e aproveitar o “fermento” que torna essa actividade tão rica, nas condições que propicia ao desenvolvimento das habilidades para jogar. (Garganta, 2006).

2.5.1. O “futebol de rua” como ponto de partida para um processo de ensino/aprendizagem

“Uma coisa é fazer um ditado e outra é fazer uma redacção.

A redacção é você que dá o tema e as pessoas escrevem.

No ditado é você que dita e elas escrevem.

No treino é mesma coisa.”

Frade, 2005

“Cresci a aprender a resolver os problemas no meio da rua (...)

Talvez daí venha parte da minha habilidade”

Zico, 2003

Tendo em conta o que foi referido anteriormente, o processo de ensino/aprendizagem na formação do jogador de futebol não pode descurar esta realidade que caracteriza a sociedade contemporânea dos nossos tempos, mas sim encontrar formas de simular e confrontar as crianças e jovens com os estímulos que eram e são proporcionados pelo “futebol de rua”.

Oliveira (2006) afirma que “a formação tem que ter em consideração exactamente esse vazio e conseguir colmatar essa lacuna, por isso este processo deve ser mais pensado e organizado em função desses problemas que a realidade actual coloca ao jogador de futebol, neste caso face à suposta evolução que os jovens jogadores não chegam a usufruir”. O mesmo autor refere ainda o que não se deve fazer, como por exemplo “colocar dez miúdos numa fila para fazer um remate à baliza...! Entendendo que este tipo de exercícios não traz grandes evoluções aos jovens jogadores, defendendo que a natureza do “futebol de rua” contém todos os ingredientes necessários ao jogo. Indo de encontro a esta ideia, Frade (2005b) refere mesmo que as escolas de futebol não tem como base o aspecto fundamental que é o jogo, centrando os objectivos de trabalho e evolução na melhoria da componente técnica e muitas vezes física, descurando o aspecto táctico e de compreensão do jogo, requisitos fundamentais para este ser bem jogado.

No mesmo comprimento de onda está Pacheco (2001), que refere que se passou da aprendizagem do futebol centrada no jogo, para a aprendizagem baseada nas habilidades técnicas, com o consequente empobrecimento táctico-técnico dos futebolistas.

Da rua e de uma forma informal, o futebol passa para o campo e de uma forma organizada, com a presença de um treinador e onde impera o método de ensino baseado na técnica individual (método analítico). O jogo passa a ser dirigido fundamentalmente para a correcta execução das habilidades técnicas, de uma forma isolada e estereotipada e fora do contexto real do jogo, onde se pensava que a melhoria dos desempenhos técnicos individuais, implicaria uma melhoria do funcionamento global da equipa. Esta corrente tecnocrática, levou muitos treinadores a adoptar a ideia de que os jovens não deveriam começar a jogar futebol até que não possuíssem o domínio correcto de todas as habilidades técnicas. Garganta (2006) corrobora desta mesma opinião, referindo que uma das consequências mais evidentes deste facto, tem sido a obsessão pelos aspectos de ensino/aprendizagem centrados na técnica individual, partindo do princípio que a soma de todos os desempenhos individuais provoca um apuro qualitativo da equipa e que o gesto técnico aprendido de forma analítica possibilita uma correcta aplicação em situação de jogo.

Michels (2001), concorrendo para esta perspectiva, e uma vez mais procurando evidenciar a importância que o “futebol de rua” assumiu no passado, comparativamente com a tendência actual para a “tecnificação” do ensino e treino, refere que no “futebol de rua” raramente se vê os miúdos a praticar gestos técnicos ou lances tácticos de uma forma isolada, eles são desenvolvidos como meios para resolver um problema no jogo, permitindo um desenvolvimento funcional (...) As habilidades técnicas e a perspicácia táctica são exigidas no jogo simultaneamente, e por isso terão que ir de “mãos dadas.

Horst Wein (cit. Pacheco, 2001) entende que realizar exercícios de técnica é sem dúvida necessário, mas praticá-los sem ter uma referência ao jogo, não tem muito sentido, já que o aprendiz necessita de um contexto de jogo antes de se exercitar na técnica pura.

Assim, afigura-se fundamental criar, no futebol, situações de jogo simples que possam ir de encontro às motivações das crianças e jovens e que estejam de acordo com as suas capacidades, podendo assim recriar nas Escolas de Futebol as características do “futebol de rua”.

Como já foi referido anteriormente, continua-se a utilizar nas crianças e jovens, meios e métodos de treino idênticos aos dos adultos, com predominância da utilização do método analítico, muitas vezes com o recurso a formas monótonas, onde o treino é tudo menos jogo. Segundo Pacheco (2001), escasseiam as formas lúdicas, dinâmicas, com alto potencial de motivação.

O que todos os praticantes têm em comum, é o facto de jogarem por gosto e porque querem desfrutar das infinitas possibilidades que o futebol oferece, assim, muito dificilmente o jogo se torna enfadonho e aborrecido.

O Jogar é para a criança tão importante como o sonho, é fundamental para a sua saúde corporal e para a sua mente. Ela aprende jogando. Assim, satisfaz o seu desejo de mover-se e descobrir o mundo. Deste modo, o jogo deve ser sempre um ponto central de cada sessão de treino (Wein, 2003).

Também apologista destas ideias é Co Adrianse (1993), que foi Coordenador Técnico do AJAX de Amesterdão (clube de referência ao nível da formação). Este reconhecia claramente a importância do jogo nas primeiras vivências das crianças, quando afirmava que no AJAX, contrariamente ao que as pessoas poderão pensar, os primeiros anos são passados simplesmente a jogar à bola. E acrescentava que quando as crianças aparecem, a preocupação é pô-las a jogar. O contacto com a bola é importante e praticamente é só isso que fazem nas três sessões de treino por semana. A possibilidade das crianças poderem jogar na rua, em terrenos baldios ou em pequenos campos que facilmente e imprevisivelmente se constroem, parece influenciar de forma importante o desenvolvimento das capacidades e habilidades para jogar, uma vez que a criança e o jovem em desenvolvimento carecem de estímulos que se obtêm muito fácil e eficazmente através do jogo livre.

O que se retira dos factos abordados anteriormente é que o elemento central para a aprendizagem do jogo de futebol é o próprio jogo,

munido da sua complexidade. Defendendo esta ideia, Frade (2005) e Vingada (1995, cit. Fonseca, 2006) consideram ser fundamental nas fases iniciais a vivenciação dessa variabilidade do jogar. O primeiro ao defender que não é absolutamente necessário que se façam outras actividades para que a variedade fique contemplada, pois pode-se jogar futebol de variadíssimas maneiras, inclusivamente com duas bolas, com golos válidos apenas se a bola vier no ar, ou até mesmo jogando determinados períodos onde não posso levantar o rabo do chão. O segundo, quando refere que o mais importante para a formação dos futebolistas, principalmente nas primeiras fases do processo de formação é a bola, o contactar com ela, o jogar à bola, o que pressupõe jogar 2x2, 3x3, jogar de cabeça contra a parede, etc, ou seja, efectuar jogos o mais variados possível, de carácter múltiplo, passando pelas diferentes situações que o jogo formal coloca.

2.5.2. JOGO: O caminho para o sucesso

*“O jogo, como o sonho, é necessário
para a saúde e equilíbrio mental.
A criança precisa de liberdade.”*
Horst Wein, 2005

A utilização de situações de jogo reduzido nas etapas iniciais do desenvolvimento das crianças e jovens é comumente aceite por diversos autores e pelas diversas Escolas de Formação em Futebol.

Os objectivos para o treino de crianças e jovens devem ser simples e claros: (1) desfrutar da actividade; (2) ajudar os praticantes a aprimorar as “habilidades de jogo” e a desenvolverem-se em termos pessoais; (3) incutir nos praticantes uma atitude de superação permanente (Garganta, 2006).

Treinar/ensinar implica induzir a transformação de comportamentos e atitudes, pelo que a forma como se configura e se conduz o processo influi directamente nas competências para jogar, estimulando-as ou

inibindo-as. Deste modo, a conformidade entre o ensino/treino e o jogo é um factor capital na formação específica dos jogadores e equipas. Portanto, é de esperar que se jogue melhor quando se aprende/treina melhor, o que requer uma prática sistemática e orientada (Ericsson et al., 1993, cit. Garganta, 2006).

Segundo Fernandes (1998), na evolução do atleta deverá ter-se em conta os problemas reais que o jogo levanta, no sentido de o levar a aprender a “ler” as diferentes situações, a tomar decisões e encontrar as soluções, porque um bom executante é capaz de seleccionar as acções mais adequadas para responder às sucessivas necessidades do jogo.

O aperfeiçoamento do jogador e a construção do jogo fazem parte de um processo gradual, desde as idades mais baixas até aos mais elevados níveis de desempenho.

A formação orientada pode ter início aos 3/4 anos, tendo como objectivos princípios básicos e que não castrem desde cedo a criatividade das crianças. Estes objectivos podem ser tão simples como “procurar espaço livre”, “fazer o campo tão grande quanto possível” ou “tão pequeno quanto possível”, “realiza o passe e mexe-te”, princípios simples mas que ajudam desde cedo a entender a lógica do jogo.

Os jogos reduzidos são por excelência bons exercícios de treino e ensino, porque são reduzidos em escala e complexidade mas contêm uma grande matéria lúdica e motivacional, oferecendo ao mesmo tempo a possibilidade de todos os intervenientes tomarem parte activa nas acções do jogo.

Queiroz (1986) defende que é a partir de formas jogadas que as acções de jogo são desenvolvidas com um certo grau de liberdade, defendendo ainda que aprender a jogar equivale a acumular experiências nas situações fundamentais do jogo, acrescentando ainda que é necessário transportar os atletas para situações de jogo, para que estes se sintam como verdadeiros jogadores e hajam de maneira correspondente e assim aprendam a jogar correctamente.

Para Duarte (1992), só o jogo e a prática de todas as suas formas darão valor e eficácia à aprendizagem técnica. O mesmo autor salienta ainda que o jovem quer jogar e, é no jogo, através de situações reduzidas de

aprendizagem, que se consolidarão as melhores apropriações. Este autor defende assim, que não se deve privar os jogadores do jogo, pois este é a forma fundamental para haver aprendizagem.

Segundo Graça (1994), devemos entender a exercitação das habilidades do jogo como um meio de desenvolvimento da capacidade de jogo dos praticantes, privilegiando as situações com uma configuração de problemas semelhantes aos que ocorrem no jogo, ou seja, nos jogos reduzidos existe a possibilidade dos jogadores se concentrarem em certas habilidades de jogo e as exercitem com elevada frequência.

Assim, e tendo em conta as linhas de orientação destes autores, a ideia chave assenta na formulação de uma forma modificada de jogo, mais simples, adequada aos níveis de interpretação dos jogadores e ao mesmo tempo, facilitadora de aquisição de conceitos e competências associados à ideia de bom jogo para o nível de desenvolvimento das crianças/jovens em questão.

Estas situações de jogo reduzido, devem preservar os “ingredientes” específicos do jogo, apelando à utilização das habilidades em situações problema, ou seja, torna-se imprescindível que as situações propostas estejam afinadas com a disponibilidade motora das crianças/jovens, de forma a possibilitar uma melhor transmissão e assimilação dos conteúdos específicos do jogo.

Segundo Queiroz (1986), o jogo reduzido é a forma básica de aprendizagem, tendo como objectivo o desenvolvimento do comportamento competitivo, colocando o jogador nas situações fundamentais de jogo, confrontando-se com a complexidade que o jogo exige. Desta forma, estamos a formar “jogadores inteligentes” (Greco, 1999, cit. Garganta, 2006), com capacidade de decisão, dotados de recursos, experiências e conhecimentos para solucionar diferentes situações de jogo.

De acordo com este entendimento, não são aconselháveis as situações que preconizam a exercitação descontextualizada e analítica dos gestos técnicos (passe, drible, remate...), dado que a execução assim realizada assume características diferentes daquela que é reclamada no contexto aleatório do jogo. O jogo é uma unidade e, como tal, o domínio das

diferentes técnicas (passe, condução de bola, remate...), reveladas pelos intervenientes, embora se constitua como um instrumento sem o qual é muito difícil jogar, não permite necessariamente o acesso a um bom nível de jogo (Garganta, 2006).

Estes factos são defendidos por Queiroz (1986), que entende que se deve organizar o treino e estruturar os exercícios a utilizar, de harmonia com a complexidade do jogo, adaptando-os aos níveis de aptidão do praticante, estando o jogo no centro de todas as preocupações. Esta ideia é partilhada por Oliveira (1991), quando refere que se o jogo é o espelho exequível do treino, então, o jogo para ser JOGO, o treino não pode ser outra coisa se não JOGO.

Por fim, em relação ao estilo de ensino, Wein (2006) defende que em vez de se utilizar um estilo de ensino directivo, no qual o professor/treinador propõe o exercício e diz como este deve ser realizado, proporcionando ao aluno/jogador uma informação directa sobre a solução do problema, e uma repetição constante, faz falta pensar o ensino na formação de futebol com base na busca ou resolução de problemas. Aqui o professor/treinador propõe o objectivo pretendido, modifica as condições do meio e o aluno/jogador utiliza os gestos que considera adequados para conseguir esse objectivo. O que se pretende é que seja o próprio aluno/jogador com a ajuda do professor/treinador a construir as suas próprias aprendizagens. O mesmo autor, acrescenta que o aluno/jogador é guiado em direcção às respostas correctas colocadas pelos problemas das situações de jogo, mediante múltiplas questões clara e correctamente elaboradas pelo professor/treinador. Somente em casos necessários, e apenas para dar sugestões, o professor/treinador deve intervir, caso contrário deve aguardar as respostas. Deste modo, o professor/treinador conversa abertamente com os seus jogadores, estimulando-os frequentemente a observar, analisar, descrever, identificar, comparar, pensar e reflectir com a sua ajuda sobre os problemas que apresentam os jogos ou situações problemáticas propostas. Muito mais que dar a solução é dar o problema, permitindo uma complementaridade entre a aprendizagem motora e a aprendizagem cognitiva.

2.5.3. Erros na formação de crianças e jovens

“Os jovens, não são máquina programáveis, mas sim seres humanos que pensam, interpretam e se emocionam”

Jorge Araújo, 2001

Se observarmos a sociedade actual, facilmente nos apercebemos que esta está caracterizada por um “norma”, seja de comportamentos, ideias ou aspirações, ou seja, vivemos num ambiente padronizado que poucos ousam alterar. Este facto revela que os jovens nascem num meio adverso à diferença, a poder sair da norma e desenvolver a sua criatividade. Esta ideia é facilmente percebida quando observamos o processo de ensino-aprendizagem que vigora, em que existe um clima de aprendizagem de orientação determinado pelos professores, deixando assim pouco espaço para a iniciativa individual se expressar, mostrando a sua individualidade e originalidade.

Esta realidade da não permissão à exploração e realização do diferente, parece marcar o processo de ensino-aprendizagem no Futebol e é facilmente percebida através da opinião de Rezer & Shigunov (2003), quando referem que “o espaço destinado ao desenvolvimento da criatividade e da autonomia tem diminuído cada vez mais durante os momentos da aula (ou treino?). Ficou claro que o professor é quem determina os caminhos e resolve os conflitos. Não há resolução de conflitos a partir do diálogo entre os actores, mas sim, a partir de determinações do professor ou da imposição pelo colega mais forte, mais velho ou mais habilidoso”.

Também Wein (2005, cit. Fonseca, 2006) defende que em diversas escolas de futebol, os jovens futebolistas são conduzidos por instrutores que lhes concedem relativamente pouca liberdade de movimento e de decisão. Existem demasiadas imposições e a opinião dos praticantes não é tida em consideração. Para o treinador o fundamental é ter tudo muito bem controlado, e se algum jogador sai do determinado, é “chamado” para cumprir a ordem estabelecida.

Deste modo e segundo Garcia et al. (2000, cit. Fonseca, 2006), este tipo de ensino enfatiza exclusivamente o respeito incondicional e não reflexivo das regras, dando-lhe a estas um carácter estático e incontestável, não permitindo por parte do aluno/jogador a reflexão e o questionamento, mas apenas o acomodamento. Este ensino formal, tão prolongado desde a mais tenra idade é muito distinto da aprendizagem informal que sucedia anteriormente na rua, retraindo desta forma, o talento individual de tantos jogadores, que frequentemente padecem desse estilo estandardizado. Os mesmos autores acrescentam, que daí resulta uma clonagem de jogadores que integram colectivos com um rendimento enorme a curto prazo, mas excessivamente previsíveis, para satisfazer as exigências de flexibilidade e excepionalidade individual que o Futebol de Elite reclama.

Assim a intervenção precoce dos treinadores nos jovens jogadores, poderá “castrá-los” de certos aspectos que são essenciais nestes períodos sensíveis dos mesmos. Um desses aspectos é o jogar futebol, que é muitas vezes marginalizado nos escalões de formação, pois é substituído por dimensões complementares, como por exemplo, o treino físico ou pior ainda a imposição do rigor táctico de cada posição não dando espaço à criatividade dos jovens talentos, chegando os treinadores a reprimir o drible. E como Valdano (s/d) refere “o jogador de futebol têm que ser um aldrabão” pois caso contrário corre-se o risco de tornar o jogo de futebol num jogo demasiado metódico e pouco atractivo.

Quem também partilha estas ideias é Cruyff (2002, cit. Fonseca, 2006) que refere que será na liberdade que se encontra a oportunidade de escapar ao jogo das técnicas que nas escolinhas dos clubes, começam a atulhar a criatividade e o individualismo de meninos de 10 e 12 anos, obrigados desde cedo a assimilar esquemas, exigências e obrigações do futebol dito moderno.

Desta forma e na opinião de Rezer & Shigunov (2003), observa-se um elemento que não pode ser desprezado em nenhum ambiente pedagógico, ainda mais quando se trata de crianças: o apelo à criatividade. Ainda não se descobriu melhor meio de desenvolver a criatividade do que as actividades lúdicas, que podem proporcionar alegria, prazer, liberdade de

criação, não necessitando para isso estar desvinculada de factores como a responsabilidade. Muito pelo contrário, através da resolução conjunta de problemas pode-se fomentar um verdadeiro laboratório, no sentido de promover o exercício da autonomia, a partir de possibilidades de entendimento de situações e da construção de soluções.

De acordo com Garganta (2006), alguns dos erros que mais frequentemente se cometem na formação de crianças e jovens praticantes de futebol são:

- recurso a métodos convencionais para ensinar as técnicas do futebol, em detrimento do ensino jogo baseado na sua compreensão;
- programação da actividade realizada apenas em função das competições, sem ter em consideração o calendário escolar dos jovens (férias, períodos de testes, ...);
- quadros competitivos desajustados, colocando em confronto adversários de nível muito distinto, com longas interrupções e sem actividade competitiva para as equipas eliminadas;
- repetição exagerada de exercícios analíticos, tornando o treino monótono e desmotivante;
- carência de correcções oportunas e pertinentes, durante a execução dos exercícios e débil conhecimento das repercussões adaptativas dos exercícios ministrados;
- Especialização precoce de funções, habitualmente realizada mais em função das características morfofuncionais dos jovens do que dos imperativos multilaterais da formação;
- Responsabilização excessiva e repressão do erro, desencorajando a tentativa e o erro.

2.5.4. A competição no processo de ensino/aprendizagem

“Competir representa perder e ganhar, sucesso e insucesso (...) sem a competição sempre presente no nosso dia – a – dia, onde iríamos buscar o apelo constante à superação e à necessidade de atingir a excelência?”

Jorge Araújo, 2001

O desporto é apontado por muitos autores, como sendo um dos factores que pode contribuir para a formação de crianças e jovens, invocando os benefícios de ordem física, psicologia e social.

Uma característica Intrínseca ao desporto é a competição, e esta pode ser uma via para se ensinar, não só a actividade desportiva como também outras capacidades que ajudam a resolução dos problemas do quotidiano.

Guillen Garcia (2003, cit. Júnior, D. & Korsakas, P., 2006) afirma que o desporto pode influenciar os indivíduos em vários aspectos:

- desenvolvimento de sensações do próprio corpo, através de vias nervosas que transmitem ao cérebro o máximo de informações possíveis;
- desenvolvimento das capacidades perceptivas (esquema corporal, sensações relacionadas ao mundo exterior);
- desenvolvimento da capacidade cognitiva;
- influência nas experiências individuais e sociais do individuo, através do contacto com outras pessoas e objectos;
- desenvolvimento da personalidade;
- desenvolvimento moral.

A competição constitui-se assim, num amplo espaço de formação e educação, não se podendo negar as suas potencialidades para proporcionar oportunidades para o desenvolvimento moral e social dos seus praticantes.

Ao tratar da questão da participação de crianças e jovens em competições, Ferraz (2002, cit. Júnior, D. & Korsakas, P., 2006) sugere que sejam considerados dois factores importantes: a prontidão da criança e o período óptimo de aprendizagem.

O primeiro factor diz respeito às competências já desenvolvidas pela criança que indicam se ela está apta ou não, se já possui os pré-requisitos necessários para enfrentar novas situações mais complexas, como, por exemplo, competições mais organizadas. O conceito de aptidão desportiva é multidimensional, pois é composto pela prontidão nos domínios físico, motor, cognitivo, afectivo, moral e social.

O segundo factor, baseia-se na identificação de períodos específicos durante o processo de desenvolvimento humano em que a criança está mais sensível para novas aprendizagens, indicando que está apta para novas vivências e desenvolver novas habilidades e capacidades. Deve-se ressaltar que os diferentes domínios de desenvolvimento têm períodos sensíveis distintos, o que significa que uma criança não está em todos os domínios ao mesmo tempo. Assim, terá que se verificar quais as especificidades de cada um deles a fim de se oferecer estímulos de aprendizagem adequados às potencialidades que a criança apresenta em determinado momento.

Este referencial é importante já que, se a criança recebe estímulos antes de atingir o estágio de aptidão, ela poderá apresentar um desenvolvimento aquém das suas possibilidades, o que pode causar-lhe prejuízos em termos de desenvolvimento. Por exemplo, em crianças que são submetidas à especialização precoce, esta pode gerar distúrbios a nível físico (ex.: lesões) como psicológico (ex.: stress).

Greco e Benda (1998, cit. Júnior, D. & Korsakas, P., 2006) propõem uma estrutura de formação em que o desporto para crianças e jovens seja desenvolvido não só com o objectivo de alcançar a alta competição na idade adulta, mas principalmente como preparação para que esses indivíduos tenham uma vida saudável e adquiram o hábito de praticar actividades físicas. Estes autores, sugerem que o processo de formação deve ser dividido em nove fases distintas, coincidentes com as fases do desenvolvimento humano, a fim

de se evitar a especialização precoce e a competição sistemática e altamente organizada, factores negativos na formação dos mais jovens.

No seguimento destas ideias, Bompa (2002, cit. Júnior, D. & Korsakas, P., 2006) defende que deve existir um desenvolvimento desportivo multilateral, que precede a especialização num determinado desporto e define três estágios distintos para crianças e adolescentes: a iniciação desportiva (6 a 10 anos), a formação desportiva (11 a 14 anos) e a especialização desportiva (15 a 18 anos).

Segundo este autor, o estágio de iniciação desportiva deve enfatizar a diversão e o prazer, com o objectivo de obter um desenvolvimento global da criança. No segundo estágio, o de formação desportiva, deve-se continuar a estimular o desenvolvimento multilateral, progredindo ao longo dos anos para uma especificidade da modalidade em questão, com a automatização das técnicas específicas e introdução de noções tácticas e estratégicas mas sem nunca esquecer o desenvolvimento global da criança. No estágio de especialização, o treino deve incidir no alto rendimento, procurando operacionalizar um treino que melhore qualitativamente as dimensões requisitadas no jogo (físicas, técnicas e tácticas) que deverá também ter competições cada vez mais frequentes e formais.

Segundo Marques e Oliveira (2002) a competição deve ser uma extensão do treino, ou seja, como mais uma etapa de educação das crianças e jovens. Assim, se depreende que as formas de competição mais informais e menos organizadas são apropriadas aos estágios de prontidão da criança. Pacheco (2001) também defende a mesma opinião, ao referir que no futebol infanto-juvenil, a competição constituiu uma etapa do processo de ensino-aprendizagem, e não um fim em si mesma.

Deste modo os objectivos da formação desportiva durante a infância devem estar voltados para a diversificação de experiências desportivas, com a finalidade de construir um repertório motor amplo e sólido, para que nos seguintes estágios de formação, possa existir uma correcta especialização. Assim as competições devem ser planeadas tendo por base o cumprimento destes objectivos.

No desporto de alto rendimento a competição constitui o quadro de referência para a organização do treino, ao passo que no treino de jovens ela deve constituir uma extensão e complemento do treino. Quer isto significar que, enquanto no desporto de alta competição se treina para competir, no desporto de crianças e jovens, deve-se competir para treinar.

Resumindo o que já foi referido, podemos dizer que as experiências competitivas nas idades de formação devem restringir-se ao acto de jogar, sem qualquer formalidade de resultados ou classificações. O importante nesta fase, é oferecer a todas as crianças, experiências desportivas que contribuam para o desenvolvimento das competências de cada uma delas, colocando em segundo plano a superação aos colegas.

2.6. Hipóteses

Com este trabalho pretende-se conhecer as características da formação de jogadores de futebol, no contexto das Escolas de Futebol, ligadas a clubes de alta competição e a Escolas privadas.

Procuramos perceber como é realizado e idealizado o processo de treino, tendo em conta os objectivos que norteiam o trabalho realizado pelas Escolas de Futebol.

Atendendo aos objectivos propostos e à temática tratada, formulamos as seguintes hipóteses:

Nas Escolas de Futebol:

H1: O objectivo principal prende-se com a formação de jogadores para as equipas de competição;

H2: Os factores de rendimento privilegiados no processo de treino centram-se nas componentes táctico-técnicas;

H3: Existe um Modelo de Jogo que orienta o trabalho realizado ao longo de todos os escalões de formação;

H4: A riqueza do “Futebol de Rua” (aleatoriedade, imprevisibilidade, necessidade de adaptação, liberdade de acção, etc.) deve ser preservada.

3. Material e Métodos

3.1. Caracterização da amostra

Quando se opta por realizar entrevista (Anexo I), pretende-se saber aquilo que os entrevistados pensam, procurando que estes acrescentem algo de novo, com o intuito de esclarecer determinados aspectos abordados na revisão bibliográfica. Perante esta intenção, procuramos ser criteriosos e abrangentes na selecção da amostra.

Seleccionámos oito Escolas de Futebol, estando quatro escolas aliadas a clubes da Bwin Liga (FCPorto, SLBenfica, SCBraga e Vitória de Guimarães) e outras quatro sem equipas nos escalões profissionais (Academia Bragafut, Academia Fair Play, Escola de Futebol Dínamo da Estação e Escola de Futebol Sport Viseu Benfica), centrando o nosso enfoque nos escalões de formação (sub-6 aos sub-14).

3.2. Condições de aplicação da recolha de informação / Recolha dos dados

Com base na revisão bibliográfica efectuada e de acordo com os objectivos definidos, foram elaboradas questões guia, que serviram de suporte às entrevistas realizadas.

Ao nível prático, a metodologia utilizada na recolha dos dados e informação, ocorreu sob a forma de inquérito oral, por meio de entrevista, com base em questões guia, previamente elaboradas e registadas num gravador «Nokia 5200».

As entrevistas (Anexos II) foram realizadas entre os dias 24 de Outubro e 10 de Novembro de 2007, nos locais previamente estabelecidos pelos entrevistados. Antes do início das mesmas, os entrevistados foram informados da natureza e dos objectivos do estudo, procurando assim que as declarações fossem autênticas.

Para explorar devida e correctamente o seu conteúdo, foi utilizado um gravador digital (Nokia 5200) com o conhecimento e autorização dos entrevistados.

Posteriormente as entrevistas foram transcritas para o programa Microsoft Word do Windows XP Professional.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Depois de realizadas a revisão da literatura e as entrevistas (Anexos II), passou-se à análise das respostas dos entrevistados, no sentido de comparar e discutir o conteúdo das mesmas, cruzando-o com a informação proveniente da revisão da literatura.

4.1. Objectivos do trabalho realizado nas Escolas de Futebol e as linhas orientadoras para o processo de formação

Os objectivos que orientam o trabalho realizado nos escalões mais baixos da formação são específicos de cada Escola e de cada processo de formação (Quadro 2):

Quadro 2: Objectivos que orientam o trabalho realizado nas Escolas de Futebol (por ordem de importância)

Objectivos Escolas	Promoção da Saúde	Ocupação dos tempos livres	Formação de jogadores para equipas federadas	Outro Objectivo
Bragafut	1º	2º	3º	1º - Formação Integral
Dinamo da Estação	2º	3º	4º	1º - Educação
Fair Play	1º	2º	3º	-
Viseu Benfica	1º	1º	2º	1º - Formação de futuros Homens
FCPorto	3º	4º	2º	1º - Paixão pelo Futebol
SCBraga	3º	2º	1º	4º - Mística Bracarense e vertente financeira
SLBenfica	2º	2º	1º	Desenvolvimento pessoal e social
Vit. Guimarães	3º	2º	1º	1º - Perspectiva Económica

Em termos desportivos, Lima (1988) entende a formação desportiva como um processo pedagógico onde as actividades físicas e as actividades desportivas servem, de facto, como meio educativo-formativo das crianças e jovens, devendo este processo ser global, gradual e específico, contribuindo ainda para a criação de hábitos desportivos, a melhoria da saúde bem como a aquisição de valores sociais, como a solidariedade, responsabilidade e cooperação entre outros, tendo a maior parte das vezes um objectivo centrado no alto rendimento, ou seja, ser capaz de formar jovens jogadores que possam mais tarde integrar as equipas seniores (Pacheco, 2001).

Os factos relatados anteriormente são comumente defendidos pelos entrevistados mas com níveis de importância distintos. Nas escolas não fidelizadas a clubes, os objectivos principais que orientam o trabalho realizado centram-se na formação integral das crianças e jovens que serão futuros Homens, tendo uma preocupação centrada na promoção da saúde e ocupação dos tempos livres, ideia defendida pela Escola Sport Viseu Benfica, quando refere *“o nosso objectivo principal é formar futuros homens e dotá-los de regras que lhes sejam úteis no futuro e também a promoção da saúde e ocupação dos tempos livres”*, indo ao encontro das ideias de Pacheco (2001), entendendo que a formação desportiva deve ser encarada como *“um processo globalizante, que visa não só o desenvolvimento das capacidades específicas do futebol, como também a criação de hábitos desportivos, a melhoria da saúde, bem como a aquisição de um conjunto de valores, como a responsabilidade, a solidariedade e a cooperação, que contribuam para uma formação geral e integral dos jovens”*.

Estes pressupostos são também objectivos de trabalho das escolas ligadas aos clubes da Bwin Liga, no entanto, o objectivo principal destas escolas é a formação de jogadores para as equipas federadas ou para outros clubes, tendo os objectivos centrados no alto rendimento, ou seja, serem capazes de formar jovens jogadores que possam mais tarde integrar as equipas seniores dos respectivos clubes.

De referir que a Escola do Dragão (FCPorto), tem como objectivo primordial *“incutir nos miúdos o contacto com o futebol para que se apaixonem*

por este, porque depois de atingido este objectivo os outros vêm por arrasto”, esta afirmação vai de encontro às ideias de Marques (1997), quando refere que os programas de trabalho devem estar centrados na formação não esquecendo que a alegria, satisfação e prazer de participar são pré-requisitos fundamentais do desporto infantil e juvenil.

Um objectivo curioso que surgiu, foi o facto de a Escola do SCBraga, pretender inculcar a mística bracarense aos miúdos desde as idades mais baixas, *“outro objectivo importante mas não primordial é a mística bracarense que procuramos inculcar nos miúdos desde os cinco anos, ou seja, queremos que sejam primeiro do Braga e só depois do Porto, Sporting ou Benfica, este é um objectivo que temos vindo a inculcar, fazemos no fim de cada treino o grito de equipa para tentar inculcar a filosofia de clube desde as idades mais baixas”.*

Um dos objectivos que para nós é lógico quando se cria uma Escola de Futebol, ligada ou não a um clube, é o objectivo financeiro, algo que só foi referido por duas escolas, a do SCBraga e a dos “Afonsinhos” (Vitória de Guimarães), que defendem que a escola é um meio de obter maior receita financeira para os clubes onde estão inseridas. A Escola do SCBraga refere mesmo *“julgo que a nossa e todas as outras têm sempre como objectivo a obtenção de rendimento financeiro, ou seja, ter maior número de alunos para ter mais receitas, mas este não é o objectivo principal”.*

Face ao apresentado, é possível verificar que todas as escolas norteiam o trabalho realizado com preocupações centradas numa formação global e integral dos jovens jogadores, tendo em vista que estes serão primeiramente futuros Homens, no entanto, as escolas ligadas a clubes da Bwin Liga têm como objectivo primordial a formação de jogadores para as equipas federadas, o que não deixa de ser correcto, uma vez que a formação destes clubes deverá ter como auge a integração de jogadores formados no clube na equipa sénior.

4.2. Factores de rendimento privilegiados na formação de jovens jogadores

Perante o quadro de complexidade apresentado pelo processo de formação, são vários os factores de rendimento apontados como primordiais na formação de jovens jogadores de futebol, sendo apontadas tradicionalmente do ponto de vista teórico e conceptual, as dimensões táctica, técnica, energético-funcional e psicológica (Garganta 1997).

Relativamente à importância dos factores de rendimento em cada escalão de formação, existe uma concordância geral em todos os entrevistados, verificando-se que o factor técnica assume uma importância relevante nos primeiros anos de formação, sendo depois acompanhado ou mesmo ultrapassado nos anos posteriores por uma formação centrada no factor táctica.

Nas idades de sub 6, existe uma importância acentuada em relação à técnica, sendo esta aliada no caso da Escola Fair Play à motricidade e coordenação, visto ser uma idade particularmente importante no desenvolvimento motor da criança. Segundo Vasconcelos (1994) “biologicamente, o terreno está nesta fase, preparado para o desenvolvimento da coordenação motora, já que o comando e a regulação neuromuscular ou sensorio-motora dos movimentos pertence manifestamente ao domínio das funções elementares cuja a adequação e desenvolvimento se processam muito cedo”, desta forma a técnica necessária à realização do jogo, deve ser abordada com maior ênfase, sendo *“apresentada sob formas jogadas, devendo após uma primeira fase de exercitação haver uma grande preocupação na correcção das mesmas, por forma a evitar erros, que mais tarde só muito dificilmente poderão vir a ser corrigidos”* (Pacheco, 2001).

Esta ideia está em consonância com a Escola dos Afonsinhos (Vitória de Guimarães), ao referir que *“nos sub 6, sub 8 e sub 10, os aspectos técnicos adquirem maior importância mas sempre em contextos tácticos, isto é, não pretendemos fazer o gesto técnico por si só mas pretendemos sim criar contextos em que a técnica seja o mais diversificada possível, no sentido do aluno vivenciar uma grande variabilidade”*.

Defendendo as mesmas ideias está também a Escola do SCBraga, no entanto, entende que a técnica terá que se sobrepor à tática nas idades mais baixas uma vez que *“não se pode incutir num miúdo de 6 anos a tática se ele ainda não consegue fazer um passe e não consegue relacionar-se com os colegas. Portanto, nos sub 6 damos primazia total à técnica”*, ou seja, depreende-se por estas palavras que o contexto tático é fundamental para a existência de um jogo de qualidade, mas sem uma técnica adequada ao nível de jogo protagonizado podemos correr o risco de não existir jogo, uma vez que nas idades mais baixas os miúdos não dominam o jogo, assim e de acordo com Lima (2001), a dimensão da técnica é um factor de extrema importância para a concretização do jogo individual e colectivo, uma vez que materializa e exterioriza a inteligência e a intencionalidade tática.

A Escola do Dragão (FCPorto) encontra-se com uma visão mais global, atribuindo uma importância primordial à tática, *“entendendo a tática não como o conhecimento do jogo (da posse de bola, circulação de bola, princípios de jogo, ...) mas sobretudo o conhecimento do jogo natural. Portanto, em termos de ensino do jogo o que é que a gente vai ensinar, primeiramente procurar mostrar o que é o jogo”*. Este ideal vai de encontro às ideias de Vasconcelos (1994), que defende que os conteúdos a serem abordados devem ser sobretudo globais, em vez de serem analíticos, recorrendo a actividades que busquem uma ampla base motriz e que sejam motivantes, empregando constantemente o jogo como meio de exercitação. Malho (1980) também defende estas ideias, para este autor, importa que a execução de um gesto técnico no jogo, privilegie a interacção com o envolvimento sendo fundamental deste modo, a colocação dos jogadores perante situações que o ensinem a “ver” e a utilizar a melhor opção técnica de acordo com a exigência específica da situação de jogo. O que se pretende, é que a utilização da técnica no jogo de futebol não seja descontextualizada, mas sim uma técnica qualitativa.

Em relação à componente energético-funcional, todos os entrevistados atribuíram-lhe uma importância mínima no processo de formação, em idades mais baixas, não tendo relevo no trabalho desenvolvido pelas escolas. Este facto vai de encontro às ideias de Marques & Oliveira (2002), que referem que o treino das capacidades condicionais (energético-

funcionais) não deverá ser prioridade destas etapas de formação, uma vez que estas etapas ocorrem antes da puberdade, as prioridades do treino devem ser de dimensão informacional – cognitiva e coordenativa – da actividade e somente após este período seja mais valorizada a dimensão condicional – bioenergética e funcional – da actividade desportiva. Bompa (1999) refere ainda que se devem utilizar exercícios que desenvolvam a concentração e o controlo da atenção, porém a ênfase deve ser dada à ética, fair play e garantir que os jovens se divirtam e obtenham prazer na prática do desporto.

Ainda nesta temática, a Escola do SLBenfica, atribuiu a mesma importância a todos os factores de rendimento, defendendo que estes factores são indissociáveis tendo em conta a perspectiva metodológica da Escola.

4.2.1. Tática: a supracomponente

De facto, existe concordância entre os entrevistados e a revisão da literatura, pois ao longo do processo de formação, ou seja, ao longo das etapas formativas, existe como que um sobrepor de importância da tática em relação à técnica, assumindo-se assim como um factor primordial para uma formação de qualidade.

Sendo o futebol um jogo de implicação tático-estratégica, desde logo se depreende que a dimensão tática é reconhecida como a geradora e condutora de todo o processo de jogo, de ensino e de treino, uma vez que o principal problema colocado às equipas e aos jogadores é sempre de ordem tática (Teodorescu, 1984; Queirós, 1986; Frade, 1989; Garganta, 1997), de acordo com as ideias está a Escola do Dragão (FCPorto) ao referir que *“nos sub 12 e sub 14 já é diferente, porque aí a tática já está de acordo com o entendimento de um determinado jogo, nestas idades/escalões é fundamental que os miúdos adquiram os seus próprios conceitos, porque se não contactam nestas idades com um determinado jogo, não percebem o jogo, e o que eu quero dizer com isto é por exemplo o valor que a gente dá a que os miúdos percebam que “se tiverem a bola não sofrem golos”, é este tipo de coisas básicas que mudam a configuração que os miúdos têm do jogo e se forem*

adquiridas desde as idades mais baixas fazem toda a diferença em termos futuros”. Com esta afirmação, a Escola pretende mostrar que a tática é importante como condutora de um processo de aprendizagem que têm como base de treino formas jogadas, para que o processo de formação seja o mais parecido com o jogo, e os jogadores desenvolvam uma atitude tática de jogo, que supõe, segundo Gréhaigne (1992), o desenvolvimento da atitude de decidir e de decidir rapidamente, estando esta dependente da atitude de conceber soluções, significando que o desenvolvimento das possibilidades de escolha necessita do desenvolvimento de conhecimentos. A acção tática é assim um complexo mecanismo que engloba a percepção e análise da situação, decisão a tomar e consequente execução (Malho, 1980).

A tática assume assim relevância em relação à técnica pelo facto de ser constantemente solicitada em situação de jogo, e para estas diferenças a afirmação de Uriodo (1997, cit. Costa 2001) é elucidativa, *“existem inúmeros jogadores que nos testes técnicos obtêm a máxima pontuação, a sua capacidade de drible perante um obstáculo imóvel, os seus malabarismos, as suas fintas são tecnicamente perfeitas, mas perante a aplicação no terreno de jogo não têm a mesma eficácia, quando fazem um drible, fazem-no bem, mas fora de tempo, quando rematam fazem-no bem, mas às mãos do guarda-redes*”. Considerando estas dificuldades que o jogo enfatiza, Garganta & Pinto (1998) entendem que a verdadeira dimensão técnica repousa então na sua utilidade para servir a inteligência e a capacidade de decisão tática dos jogadores e das equipas no jogo. Um bom executante é, antes de mais, um indivíduo capaz de seleccionar as técnicas mais adequadas para responder às sucessivas configurações do jogo, isto implica, que o jogador deve saber o que fazer para resolver os problemas que o jogo lhe coloca.

4.3. A existência de um referencial comum

Partindo da ideia de que um processo de ensino-aprendizagem terá como objectivo produzir os efeitos pretendidos (uma formação de qualidade), torna-se imprescindível a existência de referenciais comuns, que

possibilitem a orientação dos intervenientes ao longo do processo que se está a realizar.

Desta forma, o processo de ensino-aprendizagem a ser realizado nas Escolas de Futebol apenas poderá ser coerente e eficaz se referenciado a um quadro de ideias e princípios (modelos) que expressem os aspectos a que se atribui maior importância (Garganta & Pinto, 1998).

Um aspecto determinante para a ocorrência de um processo global e estruturado ao longo do tempo, é a existência de uma ideia de jogo e treino comum a todos os escalões de formação, pois desta forma o processo de treino e de jogo será mais facilmente estruturado, organizado, realizado e controlado (Oliveira, 2004).

Em relação a temática a ser tratada, todas as Escolas entrevistadas referem possuir um modelo de jogo adoptado ou princípios de jogo comuns aos diferentes escalões de formação.

A Escola do SLBenfica, refere que existem *“orientações metodológicas e pedagógicas na definição dos treinos e na forma de jogar, independente daquilo que cada um possa pensar. Os treinadores planeiam os treinos de acordo com as sugestões e directivas do coordenador técnico”*, A Escola do Dragão (FCPorto) defende a mesma perspectiva, pois refere que *“existe uma lógica de trabalho conceptual e metodológica, existe um documento orientador que contém essa lógica de trabalho”*, ou seja, existe um documento que deve ser seguido pelos professores/treinadores dos diferentes escalões de formação de forma a que o trabalho realizado seja sequencial.

Nesta perspectiva a Escola do Sport Viseu e Benfica acrescenta, *“existe um modelo pelo qual os treinadores se devem seguir, por exemplo, no fim do ano todos os jogadores devem ter jogado. Os sub 10 devem chegar ao fim e saber no mínimo uma progressão e contenção, adquirirem as noções de cobertura defensiva e ofensiva entre outros aspectos”*, desta forma, reparamos a existência de uma identidade própria no processo ensino-aprendizagem, sendo este um aspecto determinante na organização de uma Escola de Futebol.

Uma ideia interessante em relação ao modelo de jogo adoptado é referida pela Escola dos Afonsinhos (Vitória de Guimarães), quando diz *“uma*

das primeiras coisas que fizemos foi elaborar um conjunto de princípios que deve ser assimilado pelos alunos até ao final do escalão de Infantis (Futebol de 7). Estes princípios são comuns e são fundamentais para a posterior evolução para o futebol de 11. (...) A nossa ideia funciona como a escola (de ensino básico ou secundário), existem conteúdos que devem ser abordados ao longo do ano de forma fraccionada, de forma a ocorrer uma aprendizagem progressiva no tempo". Esta ideia demonstra a existência do referencial comum em cada etapa formativa tendo como pano de fundo a gradualidade do processo ensino-aprendizagem.

A existência do referencial comum faz com que os princípios criem uma cultura (Gomes, 2006) que assenta num conjunto de valores que caracterizam uma entidade colectiva, que no nosso caso é o jogo protagonizado pelas Escolas de Futebol.

4.4. “Futebol de Rua”: uma riqueza que não deve ser colocada de parte...

*“Face ao inevitável desaparecimento do “Futebol de Rua”,
é imprescindível que os clubes e as Escolas de Futebol
“importem” a sua matriz para o processo de Formação,
com o intuito de revitalizar essa realidade,
aproveitando o potencial lúdico-formativo.”*

Fonseca, 2006

Nas respostas às entrevistas ficou claro que todos os coordenadores entendem que a riqueza do “Futebol de Rua” é importante para um processo de Formação de qualidade, principalmente agora, que este fenómeno está em vias de extinção, aspecto que é referido pela Escola do SCBraga, *“o “Futebol de Rua” acabou, tendo em conta a nossa sociedade, as habitações que se constroem, o tempo ocupado pelas aulas, o facto de não existir segurança, etc. Por estes factos o “Futebol de Rua” tende a acabar ou já acabou”*. Este relato vai de encontro à opinião de Garganta (2004) quando

menção que longe vão os tempos em que crianças e jovens dispunham de tempo e condições suficientes para a prática de actividades lúdicas e espontâneas. Hoje, a quantidade torrencial de matérias e de horas lectivas que a escola crescentemente lhes impõe, associada ao crescimento urbano desenfreado, sonegam, cada vez mais, o direito à fruição dessas actividades e anunciam o seu desaparecimento. As cidades crescem e os espaços verdes são substituídos por grandes torres ou espaços comerciais, as brincadeiras de criança são substituídas pelos telemóveis e videojogos entre outros entretenimentos.

Pacheco (2001) refere que nos primórdios da evolução do futebol, a aprendizagem era feita de uma forma não organizada, na rua ou em terrenos baldios e irregulares, com bolas de diferentes texturas e dimensões e sem a presença de qualquer treinador, através de pequenos jogos de 3x3, 4x4... consoante o número de participantes existentes, em espaços variados (largos ou compridos) e com dimensões reduzidas, algo que é lembrado pela Escola do Sport Viseu Benfica, *“os miúdos antigamente brincavam com qualquer coisa, até uma lata fazia de bola e estas vivências faziam com que se passasse muito tempo a jogar futebol na rua. Neste momento os miúdos passam cada vez menos tempo a jogar e a brincar na rua”*, estes factos comprovam que o “Futebol de Rua” é rico e que se pode importar a génese do seu funcionamento de forma a contribuir para um processo de Formação com qualidade.

4.4.1. A preservação do que o “Futebol de Rua” tem de melhor...

*“O melhor treinador do mundo
não é nenhum treinador internacional de
grande sucesso, mas sim um jogo de futebol...”*
D. Cramer (1972 cit. Gowan, 1982)

Tendo em conta o que foi referido no ponto anterior, o processo de ensino/aprendizagem na formação do jogador de futebol não pode descurar esta realidade que caracteriza a sociedade contemporânea dos nossos

tempos, mas sim encontrar formas de simular e confrontar as crianças e jovens com os estímulos que eram e são proporcionados pelo “Futebol de Rua”.

Desta forma, os entrevistados enumeraram algumas das características que devem ser preservadas e utilizadas na formação de jovens jogadores, destacando de imediato o jogo e as suas características (aleatoriedade, imprevisibilidade, variabilidade, etc.) como o meio primordial de aprendizagem nas idades mais baixas, a Escola do SLBenfica refere mesmo que estas características adquirem “*vital importância*” nos escalões de formação.

Segundo a Academia Fair Play, a característica principal que deve ser preservada é o jogo, e entende que este deve ser realizado no treino sob a forma de jogos condicionados, *“estes (jogos condicionados) são os exercícios que podem superar a falta de rua (...) desenvolvem a capacidade de análise e de tomada de decisão e ao mesmo tempo executam. Analisam, decidem e executam.”* Esta ideia também é defendida pela Escola do SCBraga ao referir, *“as características que devem ser preservadas são a imprevisibilidade, o jogo de 3x3 que existia muitas vezes na rua, algo que as Escolas não aproveitam porque fazem muitas das vezes o jogo formal de 7x7 e este jogo não é o mesmo do praticado na rua, porque este era imprevisível e privilegiava muito a técnica”*, estas ideias estão em consonância com Queirós (1986), que defende que é a partir de formas jogadas que as acções de jogo são desenvolvidas com um certo grau de liberdade, defendendo ainda que aprender a jogar equivale a acumular experiências nas situações fundamentais do jogo, acrescentando ainda que é necessário transportar os atletas para situações de jogo, para que estes se sintam como verdadeiros jogadores e hajam de maneira correspondente e assim aprendam a jogar correctamente. Duarte (1992) também se situa no mesmo comprimento de onda, este entende que só o jogo e a prática de todas as suas formas darão valor e eficácia à aprendizagem técnica. O mesmo autor salienta ainda que o jovem quer jogar e, é no jogo, através de situações reduzidas de aprendizagem, que se consolidarão as melhores apropriações. Este autor defende assim, que não se deve privar os jogadores do jogo, pois este é a forma fundamental para haver aprendizagem.

Apesar dos entrevistados concordarem na preservação de algumas características do “Futebol de Rua”, não deixam contudo de deixar alguns alertas no sentido de tornar o processo de formação cada vez mais eficaz.

A Escola do Dragão (FCPorto) refere que *“o ‘Futebol de Rua’ era um momento de alegria para os miúdos, estes passavam longas horas a jogar porque adoravam jogar e se calhar agora os miúdos vão às aulas de uma hora e estão à espera que aquela hora acabe porque não gostam, já os que gostam, quando a hora de treino acaba ficam chateados, porque têm o prazer de jogar”*, ou seja, entende que o prazer na prática é fundamental para o êxito formativo dos jovens jogadores. Horst Wein (2005 cit. Fonseca, 2006) tem a mesma opinião referindo que *“quando as crianças jogam, devem divertir-se e encantar-se com o jogo. Se o jovem jogador não se identificar com o jogo proposto pelo treinador, a capacidade criativa dele ficará ‘adormecida’ e não florescerá. Quanto mais a criança desfrutar do jogo e da bola, tanto maior poderá ser a contribuição criativa no jogo”*. Assim a busca do prazer pelo treino e pelo jogo deve ser uma preocupação da qual não se deve abdicar, sob pena de se comprometer a eficácia e a continuidade da prática desportiva de crianças e jovens (Garganta, 2006).

Outra das ideias chave que surge, é o facto ser *“completamente impossível transportar o ‘Futebol de Rua’ para as Escolas”* (Academia Bragafut), pelo menos na sua globalidade, ou seja, *“o ‘Futebol de Rua’ é anárquico e com muita liberdade”* (Escola Dínamo da Estação), *“porque os jogadores inventavam gestos, faziam o que lhes apetecia”* (Escola do SCBraga).

Assim, e tendo em conta o referido anteriormente o processo de ensino deve ser capaz de relacionar as características fundamentais do “Futebol de Rua” com a orientação dos Professores. Este facto é comprovado pelo que refere a Escola dos Afonsinhos (Vitória de Guimarães), *“a escola de rua diverge das escolas privadas nas regras e limitações que se impõem, no ‘Futebol de Rua’ cada um faz aquilo que quer já na Escola isso não é possível, porque existem regras que vão no sentido de aperfeiçoar o processo de aprendizagem e se estas foram bem pensadas e delineadas podem ser muito*

proveitosas neste processo, se não forem bem formuladas e aplicadas podem limitar a liberdade e a criatividade, pode tornar a criança mecanizada e perder-se assim um possível talento”, defendendo este ponto de vista está também a Escola do Sport Viseu Benfica, “entendo ser importante, que o treino possua algumas características do “futebol de rua”, mas este futebol não deve ser selvagem, porque no “futebol de rua” existiam miúdos que pegavam na bola e fintavam uma equipa, assim o que a gente faz, é nos jogos reduzidos (2x2,3x3...) levar os miúdos a descobrirem a equipa, porque nos aparecem miúdos que só querem a finta, não os castramos mas tentamos fazer-lhe ver que existe uma equipa que joga com ele, procurando que não perca a liberdade mas que entenda a lógica do colectivo”. Estas ideias vão de encontro ao estilo de ensino defendido por Wein (2006) que entende que em vez de se utilizar um estilo de ensino directivo, no qual o professor/treinador propõe o exercício e diz como este deve ser realizado, proporcionando ao aluno/jogador uma informação directa sobre a solução do problema, e uma repetição constante, faz falta pensar o ensino na formação de futebol com base na busca ou resolução de problemas. Aqui o professor/treinador propõe o objectivo pretendido, modifica as condições do meio e o aluno/jogador utiliza os gestos que considera adequados para conseguir esse objectivo. O que se pretende é que seja o próprio aluno/jogador com a ajuda do professor/treinador a construir as suas próprias aprendizagens. O mesmo autor, acrescenta que o aluno/jogador é guiado em direcção às respostas correctas colocadas pelos problemas das situações de jogo, mediante múltiplas questões clara e correctamente elaboradas pelo professor/treinador. Somente em casos necessários, e apenas para dar sugestões, o professor/treinador deve intervir, caso contrário deve aguardar as respostas.

Deste modo, o professor/treinador conversa abertamente com os seus jogadores, estimulando-os frequentemente a observar, analisar, descrever, identificar, comparar, pensar e reflectir com a sua ajuda sobre os problemas que apresentam os jogos ou situações problemáticas propostas. Muito mais que dar a solução é dar o problema, permitindo uma complementaridade entre a aprendizagem motora e a aprendizagem cognitiva.

Esta ideia foi claramente defendida pela Escola do SCBraga, *“Deve-se também privilegiar a liberdade e criatividade, porque os jogadores inventavam gestos, faziam o que lhes apetecia e agora nas Escolas os Professores tendem muito a estereotipar os gestos técnicos, como por exemplo “o passe faz-se desta forma” enquanto que na rua os jogadores faziam como queriam e também eram eficazes (...) outro aspecto também importante que é o das “soluções conhecidas”, ou seja, não dar aos jogadores soluções predefinidas, os Professores devem procurar que sejam os miúdos a descobrir as soluções e a tomar as melhores decisões”.*

Desta forma, podemos referir que existem características do “Futebol de Rua” que são fundamentais para uma formação de qualidade, no entanto, este processo terá que ter sempre uma supervisão por parte dos professores/treinadores, sendo que *“o melhor método para ensinar um menino a jogar Futebol não é proibi-lo, mas sim guiá-lo. Não se trata tanto de o impedir de fazer o que ele gosta, mas completar a sua formação e melhorar a sua qualidade”* (Cruyff cit Fonseca, 2006).

4.5. Que concepção metodológica adoptar nas Escolas de Futebol?

Este é sem dúvida um tema pertinente de tratar, porque cada processo de ensino-aprendizagem é singular, quem ensina e quem aprende é agente activo no processo, condicionando de certa forma o desenvolvimento do mesmo. Este facto é facilmente apercebido pelas respostas obtidas, que embora tendo um comprimento de onda comum, demonstram mesmo assim alguma dispersão (Quadro 3).

Quadro 3: Qual a concepção metodológica que as Escolas de Futebol devem privilegiar (por ordem de importância).

Concepção Escolas	Centrada na Técnica	Centrada no Jogo Formal	Centrada nos Jogos Conicionados	Outra Concepção
Bragafut	3ª	2ª	1ª	-
Dínamo da Estação	2ª	1ª	3ª	-
Fair Play	3ª	4ª	2ª	1ª – Método Global
Viseu Benfica	2ª	3ª	1ª	-
FCPorto	3ª	4ª	2ª	1ª – Jogos Modelados
SCBraga	2ª	3ª	1ª	-
SLBenfica	-	-	1ª	-
Vit. Guimarães	4ª	4ª	1ª	-

As concepções metodológicas de ensino do jogo de futebol não devem desintegrar as características singulares que lhe conferem uma especificidade particular, entre as quais se destaca o facto de ser um jogo imprevisível e aleatório, resultado do envolvimento aberto onde se disputa.

De acordo com Garganta (1994), podemos considerar três tipos de concepções, a analista, a estruturalista e sistémica, que são referidas pelo autor, como sendo três possíveis formas didáctico-metodológicas. A forma centrada nas técnicas, a forma centrada no jogo formal e por fim a forma centrada nos jogos condicionados.

A concepção metodológica comumente aceite pelos diversos coordenadores, foi a centrada nos jogos condicionados, opinião que é comumente aceite por diversos autores.

Segundo a Escola dos Afonsinhos (Vitória de Guimarães) esta concepção de ensino é a que melhor desenvolve os conteúdos que se pretendem abordar e a que dá melhores garantias de sucesso, defendendo a mesma opinião está Horst Wein, ao referir que os jogos reduzidos são por excelência bons exercícios de treino e ensino, porque são reduzidos em escala e complexidade mas contêm uma grande matéria lúdica e motivacional, oferecendo ao mesmo tempo a possibilidade de todos os intervenientes

tomarem parte activa nas acções do jogo. Queiroz (1986) também defende esta opinião, pois entende que é a partir de formas jogadas que as acções de jogo são desenvolvidas com um certo grau de liberdade, defendendo ainda que aprender a jogar equivale a acumular experiências nas situações fundamentais do jogo, acrescentando ainda que é necessário transportar os atletas para situações de jogo, para que estes se sintam como verdadeiros jogadores e hajam de maneira correspondente e assim, aprendam a jogar correctamente.

Apesar destes factos induzirem que a concepção metodológica que melhor preconiza o processo ensino-aprendizagem ser a centrada nos jogos condicionados, existem outras opiniões. Entre elas destaca-se a referida pela Academia Fair Play, *“defendo outra concepção de treino que é aquela que nós fazemos, ou seja, é o método global, onde se consegue globalizar e trabalhar os aspectos técnicos, tácticos, físicos e psicológicos, todas as componentes ao mesmo tempo e privilegiar a análise e decisão”*, uma concepção de ensino que não foi contemplada na revisão da literatura, mas após elucidação sobre a concepção centrada nos jogos condicionados, o mesmo referiu, *“se me disseres que os jogos condicionados consistem no que te estou a dizer, então também lhe dou a mesma importância, deixando de lado a metodologia centrada na técnica e no jogo formal”*, daqui se depreende que o cerne metodológico é o mesmo, a base do trabalho realizado está de acordo com a revisão existindo mudanças em relação à terminologia adoptada.

Outras duas respostas muito interessantes são as dadas pela Escola do Dragão (FCPorto) e pela Escola SLBenfica, que apesar de entenderem a importância dos jogos condicionados como fundamentais no entendimento do jogo, referem duas novas concepções de treino. No caso da Escola do Dragão é a concepção centrada nos jogos modelados, já no caso da Escola do SLBenfica, esta defende uma concepção de descoberta guiada. Apesar de tudo o que rodeia estas concepções de treino, uma coisa é comum à centrada nos jogos condicionados, a prática do jogo como meio primordial de aprendizagem do jogo de futebol.

Desta forma, a Escola do Dragão (FCPorto) refere que *“a concepção metodológica das Escolas de Futebol tem de ser sobre tudo uma concepção de jogo”*, ou seja, está de acordo com o que se referiu até agora,

entende que o jogo é a forma básica de aprendizagem (Queirós, 1986), defendendo para isso uma ideia chave *“entendo que nas Escolas de Futebol e tendo em conta as idades dos miúdos o importante é que os miúdos se apaixonem pelo futebol, um dos princípios dos nossos treinos é incutir o prazer de jogar, o prazer de se relacionarem com a bola, fazer com que os miúdos não se preocupem com o manter a posse de bola e circularem esta mas sim em jogar, com equipas diferentes, em situações diferentes promovendo sobretudo a variabilidade que existia antigamente e que agora não existe porque agora é tudo muito formalizado, tudo demasiado condicionado”*. Desta afirmação depreende-se um pouco da concepção defendida pela Ex-coordenadora da Escola do Dragão, entende que os jogos condicionados, tal como o nome indica, condicionam a aprendizagem dos miúdos, uma vez que os professores/treinadores condicionam os exercícios com determinadas regras de acção que por vezes podiam induzir desmotivação, porque nestas idades de formação o prazer e a motivação devem ser os objectivos fundamentais para o sucesso do processo ensino-aprendizagem, e para justificar este facto refere *“repare que os miúdos adoram jogar quando têm liberdade, se você disser aos miúdos o que é que eles têm que fazer eles não gostam, se dissesse ao Maradona o que teria que fazer provavelmente ele não gostaria!!! Desta forma o jogo não é anárquico nem totalmente livre mas sim um jogo modelado, para a alegria e para o prazer... é criar um jogo de acordo com o contexto onde o miúdo está inserido (a turma), modelando o ambiente de forma a promover o sucesso”*, assim, e tendo em conta as linhas de orientação da Escola, a ideia chave assenta na formulação de uma forma modificada de jogo, mais simples, adequada aos níveis de interpretação dos jogadores e ao mesmo tempo, facilitadora de aquisição de conceitos e competências associados à ideia de bom jogo para o nível de desenvolvimento das crianças/jovens em questão.

Outra concepção de ensino é a utilizada na Escola de Futebol do Sport Lisboa e Benfica, a qual é referida como sendo uma concepção centrada na *“descoberta guiada da integração de princípios hierarquizados. São os chamados jogos de princípios, assentes em pressupostos cognitivos e psicológicos numa relação entre os meios de treino (passe, recepção, drible,*

remate, condução bola) e as capacidades condicionais e coordenativas". Apesar de a terminologia ser distinta, conseguimos perceber que esta concepção tem o jogo como princípio básico para o processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma, podemos referir que a concepção comumente aceite é a centrada nos jogos condicionados, embora com certas nuances em algumas Escolas de Futebol, mas fica claro que *"o jogo é o centro de todas as preocupações"* (Queirós, 1986).

De acordo com este entendimento, e indo de encontro às ideias de Garganta (2006), não são aconselháveis as situações que preconizam a exercitação descontextualizada e analítica dos gestos técnicos (passe, drible, remate...), dado que a execução assim realizada assume características diferentes daquela que é reclamada no contexto aleatório do jogo. O jogo é uma unidade e, como tal, o domínio das diferentes técnicas (passe, condução de bola, remate...), reveladas pelos intervenientes, embora se constitua como um instrumento sem o qual é muito difícil jogar, não permite necessariamente o acesso a um bom nível de jogo.

Assim, de acordo com os relatos anteriores, podemos referir que a concepção metodológica que mais se adequa a um correcto processo de formação é a concepção associada ao jogos condicionados, afigurando-se para tal a criação de situações de jogo simples que possam ir de encontro às motivações das crianças e jovens e que estejam de acordo com as suas capacidades (Pacheco, 2001).

5. CONCLUSÕES

“Para que os nossos sentidos nos digam alguma coisa, temos que possuir conhecimento prévio: para podermos ver uma “coisa”, temos de saber o que são “coisas””

Popper (1991)

As respostas obtidas nas diferentes entrevistas, constituíram um meio efectivo para se conhecer a realidade das Escolas de Futebol e assim poder responder aos objectivos da realização deste trabalho.

Desta forma e sem prejuízo de outros entendimentos ou leituras, o trabalho que desenvolvemos permite destacar as seguintes conclusões:

1) Quanto aos objectivos que orientam o trabalho realizado nas Escolas de Futebol, podemos referir que:

- As Escolas de Futebol associadas a clubes da Bwin Liga, têm como objectivo principal a formação de jogadores para as equipas federadas ou para outros clubes, tendo os objectivos centrados no alto rendimento, ou seja, serem capazes de formar jovens jogadores que possam mais tarde integrar as equipas seniores dos respectivos clubes;
- Nas Escolas de Futebol sem equipas nos campeonatos profissionais, os objectivos principais que orientam o trabalho realizado centram-se na formação integral das crianças e jovens que serão futuros Homens, tendo uma preocupação centrada na promoção da saúde e ocupação dos tempos livres.

2) Relativamente à importância dos factores de rendimento em cada escalão de formação, verifica-se que:

- O factor técnica assume uma importância relevante nos primeiros anos de formação, sendo depois acompanhado ou mesmo ultrapassado nos anos posteriores por uma formação centrada no factor táctica;
- O factor energético funcional, não tem importância relevante no processo de formação em idades mais baixas, indo ao encontro do referido na revisão bibliográfica.

3) Quanto à existência de um modelo de jogo que oriente o trabalho realizado ao longo dos escalões de formação, podemos referir que:

- Todas as Escolas possuem um modelo de jogo adoptado ou princípios de jogo comuns aos diferentes escalões de formação;

4) Relativamente à preservação de algumas características do “Futebol de Rua”, verificamos que:

- O Processo de ensino-aprendizagem deve preservar algumas das características do “Futebol de Rua” uma vez que hoje, as Escolas são o primeiro contacto sistemático que crianças com 4, 5 ou 6 anos estabelecem com o jogo;
- O prazer pelo jogo é um importante catalizador para a aprendizagem dos mais jovens e contribui decisivamente para a existência da paixão pelo jogo que se existir manter-se-á por toda a vida.

6. SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS

A realização de qualquer estudo tem como objectivo responder a algumas questões, no entanto, com a realização do estudo, outras dúvidas surgem. Com este intuito deixamos algumas sugestões para futuros estudos, visto não podermos responder a todas as pertinências que foram surgindo. Por exemplo:

- Realizar um estudo de observação de forma a verificar o trabalho realizado nas Escolas de Futebol associadas a clubes e em Escolas “privadas”;
- Verificar que tipo de competições se realizam nas Escolas de Futebol e se essas são as mais adequadas;
- Verificar a gradualidade do trabalho desenvolvido ao longo dos escalões de formação mais baixos;
- Verificar quais as preocupações e a concepção orientadora existente nos clubes portugueses de referência e comparar com diferentes clubes europeus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adelino, J.; Vieira, J.; Coelho, O. (2000). *Treino de Jovens. O que todos precisam de saber*. Lisboa. CEFD.
- Alves, J. & Araújo, D. (1996). *Processamento da informação e tomada de decisão no Desporto*: 361-388. In Manual de Psicologia do Desporto. S.H.º Sistemas Humanos e Organizacionais Lda.
- Araújo, J. (1992). *Basquetebol. A preparação técnica e tática*. Horizonte, 49.
- Araújo, J. (1995). *Manual do treinador do desporto profissional*. Campo das Letras. Porto.
- Bangsbo, J. (1997). *Entrenamiento de la condicion física en el futbol*. Editorial Paidotribo. Barcelona.
- Bento, J. (2006). *Formação e desporto*. In Pedagogia do desporto. Porto Alegre.
- Bompa, (1999). *Periodization: theory and methodology of training*. (4ª Ed.) Human Kinetics. Champaign.
- Carvalho, C. (2001). *No Treino de Futebol de Rendimento Superior. A Recuperação é... Muitíssimo mais que "recuperar"*. Edição Liminho, Indústrias Gráficas Lda.
- Castelo, J. (1996). *Futebol, a organização do Jogo*. Edição O Autor.
- Co Adrianse (1993). *A fábrica de campeões do Ajax*. In Jornal "O Público", 26 de Abril de 1993.
- Costa, J. (2001). *Inteligência geral e conhecimento específico no futebol: Estudo comparativo entre a inteligência geral e o conhecimento específico em jovens futebolistas federados de diferentes níveis competitivos*. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.
- Costa, J.C.; Garganta, J.; Fonseca, A.; Botelho, M. (2002). *Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos*. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto., 2(4): 7-20.
- Costa, P. (2006). *O Dilema da Formação Vs Formatação no Futebol de Formação: Um "Olhar" através da "Periodização Tática"*. Dissertação de Licenciatura. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Deleplace, (1979). *Rugby de mouvement – Rugby total*. EPS. Paris.

- Dias, F. (2005). *De Principiante a Experto ou...Simplesmente Experto?!...Conseguirá a Prática Deliberada explicar a Expertise no Futebol? A perspectiva do professor Vítor Frade*. Dissertação de Licenciatura. FCDEF-UP.
- Duarte, V. (1992). *Os jogos reduzidos/condicionados no treino do Futebol Jovem*. Dissertação de Licenciatura. FCDEF-UP.
- Dunning, E. (1994). *Sport in space and time; civilizing processes, trajectories of atate-formation and the development of modern sport*. International Review for the Sociology of Sport, 29 (4): 332-348.
- Faria, R. (1999). *“Periodização Tática” Um Imperativo Conceptometodológico do Rendimento Superior em Futebol*. Dissertação de Licenciatura. FCDEF-UP.
- Fernandes, A. (1998). *Iniciação ao Futebol. Futebol de 7 versus Futebol de 11*. Dissertação de Licenciatura. FCDEF-UP.
- Fernandes, J. (2004). *O processo de formação de jogadores de futebol na ilha de São Miguel (Açores): Que realidade?* Dissertação de Licenciatura. FCDEF-UP.
- Fonseca, H. (2006). *Futebol de Rua, um fenómeno em vias de extinção? Contributos e Implicações para a aprendizagem*. Dissertação de Licenciatura. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Frade, V. (1989). *Notas de Curso de Metodologia do Futebol*. Porto: FCDEF-UP.
- Frade, V. (1998/99). *Apontamentos das aulas de Metodologia Aplicada I e II, Opção de Futebol*. FCDEF-UP.
- Frade, V. (2005a). Entrevista, In: *De principiante a experto ou...simplesmente experto?!...Conseguirá a prática deliberada explicar a expertise no futebol? A perspectiva do Professor Vítor Frade*. Dissertação de licenciatura FCDEF-UP.
- Frade, V. (2005b). *Apontamentos das aulas de Metodologia Aplicada II, Opção de Futebol*. FCDEF-UP.
- Garganta, J. & Pinto, J. (1994). *O ensino do futebol*. In O ensino dos jogos desportivos colectivos: 97-137. A. Graça & J. Oliveira (eds), CEJD/FCDEF-UP.
- Garganta, J. (1994). *Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos*. In A. Graça & J. Oliveira (Eds.), O ensino dos jogos desportivos colectivos (pp.11-25). Porto: CEJD/FCDEF-UP.
- Garganta, J. & Oliveira, J. (1996). *Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos*. In Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos: 7-23. Oliveira, J. & Tavares, F. (eds), CEJD/FCDEF-UP.

Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de futebol*. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Tese de Doutoramento. FCDEF-UP.

Garganta & Pinto (1998). *O Ensino dos Jogos Desportivos Colectivos. O Ensino do Futebol*, pp. 95-135. Amândio Graça e José Oliveira Editores.

Garganta, J. & Cunha e Silva, P. (2000). *O jogo de futebol: entre o caos e a regra*. Horizonte 91: 5-8.

Garganta, J. (2004). *A formação estratégico-táctica nos jogos desportivos de oposição e cooperação*. In Gaya, A., Marques, A. & Tani, G. (Orgs.), *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Garganta, J. (2006). *Ideias e competências para “pilotar” o jogo de Futebol*. In *Pedagogia do Desporto*, 313-326. Go Tani, J. Bento & R. Peterson (Eds.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Gomes, M. (2006). *Do Pé como Técnica ao Pensamento Técnico dos Pés Dentro da Caixa Preta da Periodização Táctica*. Dissertação de Licenciatura FADEUP.

Graça, A. (1994). *Os comos e os quandos do ensino dos jogos*. In *O Ensino dos Jogos Desportivos*: 27-34. A. Graça & J. Oliveira (Eds), CEJD/FCDEF-UP.

Greco, J.P. & Chagas, M. (1992). *Considerações teóricas da tática nos jogos desportivos coletivos*. Revista Paulista de Educação Física de S. Paulo, 6 (2): 47-58.

Gréhaigne, J. & Godbout, P. (1995). *Tactical knowledge in team sports from a constructivist perspective*. Quest, 47:490-505.

Gréhaigne, J. & Guillon, R. (1992). *L'Utilisation des jeux d'opposition a l'école*. Reveu de L'Education Physique, Vol. 32 (2): 51-67.

Guilherme Oliveira, J. (1991). *“Especificidade, o “Pós-Futebol” do “Pré-Futebol””, Um factor condicionante do alto rendimento desportivo*. Dissertação de Licenciatura FCDEF-UP.

Guilherme Oliveira, J. (2004). *Conhecimento Especifico em Futebol: Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-aprendizagem/treino do jogo*. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.

Guilherme Oliveira, J. (2006). *Entrevista*, In: *O dilema da formação Vs Formatação no futebol de formação: Um “olhar” através da “Periodização Táctica”*. Dissertação de Licenciatura FADEUP.

Júnior, D. & Korsakas, P. (2006). *O Processo de Competição e o Ensino do Desporto*. In *Pedagogia do Desporto*, 251-260. Go Tani, J. Bento & R. Peterson (Eds.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Konzag, I. (1983). *La formazione técnico-tattica nei giochi sportivi (parte prima)*. Rivista Cultura Sportiva, II (2): 42-47.

Lima, T. (1988). *A formação desportiva dos jovens*. Revista Horizonte, Vol V, nº25.

Lima, T. (2001). *Os criadores*. Jornal A bola – 1 de Fevereiro.

Mahlo, F. (1980). *O acto táctico no jogo*. Ed. Compendium. Lisboa.

Mangas, C. (1999). *Conhecimento declarativo no futebol*. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.

Marques, A. (1991). *Especialização Precoce na Preparação Desportiva*. Treino Desportivo, 19: 9-15.

Marques, A. (1997). *A criança e actividade física*. Inovação e contexto. In Marques, A., Prista, A., Júnior, A. (Eds). Actas do V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, Vol. I: 15-31. FCDEF-UP.

Marques, A.T. & Oliveira, J. (2002). *O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde*. In Barbanti, V.J., Amadio, A.C., Bento, J.O. & Marques, A.T. (Eds.), *Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde*. Barueri: Manole.

Matveiev, L. (1990). *Processo de treino desportivo*. Livros Horizonte. Lisboa.

Mesquita, I. (1997). *Pedagogia do treino – A formação em Jogos Desportivos Colectivos*. Livros Horizonte. Lisboa.

Michels, R. (2001). *Team Building - the road to success*. Spring City: Reedswain Publishing.

Moya, F. E. (1996). *El concepto de táctica individual en los deportes colectivos*. Educació Física i Esportes, 51: 16-22.

Neves, P. (2003). *Equipas B: Uma inevitabilidade da formação em clubes de elite*. Dissertação de Licenciatura FCDEF-UP.

Pacheco, R. (2001). *O Ensino do Futebol de 7. Um jogo de iniciação ao Futebol de 11*. Edição do Autor.

Proença, J. (1984). *Formação e Alto Rendimento Desportivo*. Revista Horizonte. (I), 2:51-56.

Queirós, C. (1986). *Estrutura e organização dos exercícios de treino em futebol*. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol.

Tavares, F. (1993). *A capacidade de decisão táctica no jogador de Basquetebol*. Estudo comparativo dos processos perceptivo – cognitivos em atletas seniores e cadetes. Tese de doutoramento. FCDEF-UP.

Teodorescu, L. (1984). *Problemas da teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Ramos, F. (2003). *Futebol. Da “rua” à competição*. Instituto do Desporto de Portugal.

Rezer, R. & Shigunov, V. (2003). *Reflexões acerca da prática pedagógica em Escolinhas de Futebol e Futsal a partir da leitura e compreensão de contextos específicos*. www.def.uem.br/revistadef/admin/artigos/8c

Romero Cerezo, C. (2000). *Hacia una concepcion más integral del entrenamiento en el fútbol*. Educación Física y Depores. Revista Digital, 19. (www.efdeportes.com).

Vasconcelos, O. (1994). *Apresentação de alguns jogos e exercicios práticos para o ensino e exercitação das capacidades coordenativas*. FCDEF-UP.

Vieira, J. (2003). *Capacidade de Decisão Táctica em Futebol. Estudo da adequação e do tempo de resposta em Selecções Nacionais presentes no Campeonato da Europa de Sub-17 (2003)*. Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP.

Wein, H. (2003). *Las necesidades más vitales del niño a respetar en cualquier escuela de fútbol*. Julho de 2003. [Em linha]: www.futbolbase.com

Wein, H. (2006). *En vez de dar soluciones a los problemas que se presentan, los formadores deberían dar problemas*. Julho de 2006. [Em linha]: www.futbolbase.com

8. ANEXOS I - ENTREVISTA

1.: Quais os objectivos que orientam o trabalho realizado na sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) a cada um dos objectivos)

- Promoção da saúde_____
- Ocupação dos tempos livres_____
- Formação de jogadores para as equipas federadas ou para outro clubes_____
- Outro objectivo_____

2.: Qual a importância que atribui aos factores de rendimento para cada escalão de formação da sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

Escalão Factores	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Táctica					
Técnica					
Energético Funcional					
Outros					

3.: Qual é a estrutura base de um plano de treino e qual o objectivo principal que deve prevalecer em cada uma das partes que compõem a sessão de treino?

	Partes			
	1ª. _____	2ª. _____	3ª. _____	4ª. _____
Objectivos				
Meios / Exercícios				

4.: Qual a duração e o número de treinos previstos, por semana, para os diferentes escalões de formação?

	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Número de treinos					
Duração do treino					
Total					

5.: Existe alguma razão para o delineamento dos treinos ser realizado conforme foi descrito anteriormente?

6.: A Escola de Futebol possui uma ideia de treino e jogo comum a todos os escalões de formação, ou cada professor/treinador implementa as suas ideias no escalão que orienta?

7.: Na sua opinião qual a concepção metodológica que as Escolas de Futebol devem privilegiar?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

- Centrada na técnica_____
- Centrada no jogo formal_____
- Centrada nos jogos condicionados_____
- Outra concepção_____

8.: O “Futebol de Rua” foi durante muitos anos o viveiro de grandes jogadores, Valdano refere até que “a tecnologia de ponta do Futebol é a rua e a miséria, pois aí as partidas são imprevisíveis, onde no momento se inventa sempre algo... os jogadores não usam o catálogo das soluções conhecidas, simplesmente criam”.

Acha importante que a riqueza do “Futebol de Rua” esteja presente nas Escolas de Futebol? Que características devem ser preservadas e de que forma devem ser utilizadas (exercícios) no processo de formação?

9. ANEXOS II - ENTREVISTAS

Entrevista realizada à Professora Marisa

Ex-Coordenadora da Escola do Dragão (FCPorto)

Centro de Treinos Olival e Crestuma, 29 de Outubro de 2007

1.: Quais os objectivos que orientam o trabalho realizado na sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) a cada um dos objectivos)

- **Promoção da saúde** – 3º
- **Ocupação dos tempos livres** – 4º
- **Formação de jogadores para as equipas federadas ou para outros clubes** – 2º
- **Outro objectivo** – Contacto e paixão pelo futebol – 1º

R.: Identifico-me mais com a formação de jogadores para as equipas federadas, tendo em conta que este objectivo promove a saúde e a ocupação dos tempos livres.

De referir a existência de um outro objectivo, que consiste incutir nos miúdos o contacto com o futebol para que se apaixonem por este, porque depois de atingido este objectivo os outros vêm por arrasto.

2.: Qual a importância que atribui aos factores de rendimento para cada escalão de formação da sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

Escalão Factores	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Táctica	1º	1º	1º	1º	1º
Técnica *	2º	2º	2º	2º	2º
Energético Funcional *	2º	2º	2º	2º	2º
Outros *	2º	2º	2º	2º	2º

R.: Para todos os escalões, o objectivo fundamental prende-se com o contacto com o jogo e que os miúdos se apaixonem por ele.

Independentemente disso, o factor primordial é a tática, mas entendendo a tática não como o conhecimento do jogo (da posse de bola, circulação de bola, princípios de jogo, ...) mas sobretudo o conhecimento do jogo natural, por exemplo, nas idades mais baixas (sub 6 e sub 8) os miúdos nem sabem o que é jogo, nem sabem que têm que passar a bola (...), sabem apenas o que é o golo, tendo assim uma ideia muito vaga do que é o jogo. Portanto, em termos de ensino do jogo o que é que a gente vai ensinar, primeiramente procurar mostrar o que é o jogo. Nos sub 12 e sub 14 já é diferente, porque aí a tática já está de acordo com o entendimento de um determinado jogo, nestas idades/escalões é fundamental que os miúdos adquiram os seus próprios conceitos, porque se não contactam nestas idades com um determinado jogo, não percebem o jogo, e o que eu quero dizer com isto é por exemplo o valor que a gente dá a que os miúdos percebam que “se tiverem a bola não sofrem golos”, é este tipo de coisas básicas que mudam a configuração que os miúdos têm do jogo e se forem adquiridas desde as idades mais baixas fazem toda a diferença em termos futuros.

3.: Qual é a estrutura base de um plano de treino e qual o objectivo principal que deve prevalecer em cada uma das partes que compõem a sessão de treino?

	Partes			
	Inicial	Principal I	Principal II	-
Objectivos	Recreação com bola	Acções táctico-técnicas Promover o prazer de jogar Promover a variabilidade	Participação activa em jogo	-
Meios / Exercícios	Técnica individual	Jogos modelados	Situação de jogo “grande”	-

R.: Nós fazemos uma parte inicial, que é uma parte de recreação com bola, em que cada miúdo está com uma bola e em que damos um momento para o jogador poder se recriar com a bola, tocar a bola com as diferentes partes do corpo, é poder dar espaço à parte criativa, porque nós sentimos que existe a falta de tempos livres e a falta de prática no contacto com a bola, assim neste espaço procuramos que os miúdos gostem de se relacionar com a bola, porque um miúdo que goste de se relacionar com a bola prolonga esse contacto para fora do treino, em casa, na escola, em qualquer sítio e se isso não acontecer a prática fica reduzida somente ao tempo da

aula e então nós procuramos neste momento inicial fazer com que os miúdos gostem da bola e que consigam manter um contacto, digamos que carinhoso com a bola, até costumo dizer aos miúdos pequeninos para tratarem a bola como se fosse a namorada deles, dar-lhe carinho, porque esta ideia de afinidade e intimidade com a bola é mesmo um dos nossos objectivos de trabalho.

Na segunda parte, realizamos jogo, mas que jogo? Uma parte do jogo, por exemplo com os sub 8 e sub 7 fazemos jogo de 3x3 em que não é 3x3 propriamente dito, porque pode ter duas balizas junto às linhas laterais para existir largura de jogo ou uma baliza grande no centro para haver muita finalização. Outro exemplo é o campo às vezes ser mais comprido e estreito ou curto e largo para trabalhar diferentes aspectos do jogo. Os treinadores por vezes também colocam bolas com diferentes trajectórias para que exista aleatoriedade. Ou seja, são jogos modelados, porque a gente modela um bocadinho mas dando sempre graus de liberdade ao jogo.

Na terceira parte, fazemos o que digo aos miúdos de jogo grande, com um carácter maior, isto é, já são mais jogadores, o campo é maior e a participação dos jogadores já é diferente e nesta situação de jogo dito grande, consoante os escalões nós fazemos uma actuação diferente, por exemplo, nos mais pequeninos é normal ter miúdos que “desligam” do jogo, assim um dos objectivos da nossa participação nesse jogo, é fazer com que a bola esteja quase sempre nesses jogadores para os trazermos para o jogo, para que não ocorra uma participação desligada mas sim envolvida. Isto porque nós trabalhamos por níveis e não por idades, nós dividimos o trabalho por níveis de organização, o que é que isto quer dizer, quer dizer que um miúdo de 6 ou 8 anos que não consiga participar no jogo se encontra num nível de jogo básico, cujos objectivos se centram em primeiro lugar estimular o prazer de jogar e só depois tentar coloca-lo a jogar. Depois no nível elementar, os miúdos já estão a jogar mas tem dificuldades em viver a decisão do colega. Assim, neste jogo grande não temos grandes preocupações com a estrutura mas sim com a participação dos miúdos no decorrer do jogo.

A parte final não existe, porque fazemos dez minutos de recreação e o resto do tempo é jogar o jogo, variando e modelando o jogo consoante as etapas de desenvolvimento, a parte do retorno à calma e alongamentos não são realizados devido ao tempo reduzido.

4.: Qual a duração e o número de treinos previstos, por semana, para os diferentes escalões de formação?

	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Número de treinos	1	1	1	1	-
Duração do treino	60´	60´	60´	60´	-
Total	60´	60´	60´	60´	-

5.: Existe alguma razão para o delineamento dos treinos ser realizado conforme foi descrito anteriormente?

R.: Existe, o facto de o clube não possuir infra-estruturas suficientes para poder prolongar a uma prática mais frequente ao longo da semana.

6.: A Escola de Futebol possui uma ideia de treino e jogo comum a todos os escalões de formação, ou cada professor/treinador implementa as suas ideias no escalão que orienta?

R.: Aqui no clube existe uma lógica de trabalho conceptual e metodológica, existe um documento orientador que contém essa lógica de trabalho. Dentro deste trabalho, a Escola do Dragão tem um trabalho mais particular devido à falta de competição, ao facto de a prática ser de uma hora e as faixas etárias com que trabalhamos serem baixas. No entanto e apesar destes factos a lógica de trabalho é a mesma, procurando que os miúdos adorem jogar o jogo, gostem de se relacionar e ter a bola e que tenham uma prática envolta em muito prazer e não existir uma prática formal de ensino que algumas das Escolas vinculam, algo que nós não concordamos.

Dentro da Escola do Dragão existe um plano com níveis de organização e todos os Professores estão identificados com esta lógica de trabalho.

7.: Na sua opinião qual a concepção metodológica que as Escolas de Futebol devem privilegiar?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

- **Centrada na técnica – 3ª**
- **Centrada no jogo formal – 4ª**

- **Centrada nos jogos condicionados – 2ª**
- **Outra concepção – Jogos Modelados – 1ª**

R.: Eu acho que a concepção metodológica das Escolas de Futebol tem de ser sobre tudo uma concepção de jogo, isto é, as escolas de formação recebem muitos miúdos que não sabem jogar, se eles não sabem jogar que jogo é que a gente lhes vai ensinar? Repare, você vai ensinar passe, para quê, se o miúdo não consegue no jogo fazer o passe e vivenciar as decisões do colega, ele passa e não sabe que se tem de desmarcar, fazer movimento para pedir a bola, ou seja, o miúdo não consegue, assim que jogo é que se pode ensinar se ele não joga!

Entendo que nas Escolas de Futebol e tendo em conta as idades dos miúdos o importante é que os miúdos se apaixonem pelo futebol, um dos princípios dos nossos treinos é incutir o prazer de jogar, o prazer de se relacionarem com a bola, fazer com que os miúdos não se preocupem com o manter a posse de bola e circularem esta mas sim em jogar, com equipas diferentes, em situações diferentes promovendo sobretudo a variabilidade que existia antigamente e que agora não existe porque agora é tudo muito formalizado, tudo demasiado condicionado.

Repare que os miúdos adoram jogar quando têm liberdade, se você disser aos miúdos o que é que eles têm que fazer eles não gostam, se dissesse ao Maradona o que teria que fazer provavelmente ele não gostaria!!! Desta forma o jogo não é anárquico nem totalmente livre mas sim um jogo modelado, para a alegria e para o prazer. Você repare, um miúdo que não joga, porque será que ele não joga, ou está a jogar e não gosta de jogar? Primeiro porque não tem capacidades motoras que lhe permitam o sucesso, segundo porque não sabe o que é o jogo e terceiro é porque não consegue relacionar-se com os outros no decorrer do jogo. Perante estes factos temos que arranjar uma estratégia, colocar mais bolas neste jogador para ele começar a interagir, ou seja, é criar um jogo de acordo com o contexto onde o miúdo está inserido (a turma), modelando o ambiente de forma a promover o sucesso.

8.: O “Futebol de Rua” foi durante muitos anos o viveiro de grandes jogadores, Valdano refere até que “a tecnologia de ponta do Futebol é a rua e a miséria, pois aí as partidas são imprevisíveis, onde no momento se inventa sempre algo... os jogadores não usam o catálogo das soluções conhecidas, simplesmente criam”.

Acha importante que a riqueza do “Futebol de Rua” esteja presente nas Escolas de Futebol? Que características devem ser preservadas e de que forma devem ser utilizadas (exercícios) no processo de formação?

R.: No meu entendimento o “Futebol de Rua” foi fundamental na formação de grandes jogadores pelas características que apresentava, algo que o futebol de formação agora não apresenta tanto, e quais são? Primeiro, o “Futebol de Rua” era um momento de alegria para os miúdos, estes passavam longas horas a jogar porque adoravam jogar e se calhar agora os miúdos vão às aulas de uma hora e estão à espera que aquela hora acabe porque não gostam, já os que gostam, quando a hora de treino acaba ficam chateados, porque têm o prazer de jogar. Em termos pessoais, quando fazemos algo e temos sucesso a gente aprende e está motivada para aprender e evoluir. No “Futebol de Rua” os miúdos aprendiam porque estavam a praticar o que gostavam, o que é que eu quero dizer com isto, havia um espírito de competitividade que eles próprios criavam entre si, quando faziam equipas não era os mais fortes para um lado e os mais fracos para o outro, não, eram os dois mais fortes que faziam as equipas e os mais fraquinhos ficavam para o fim, mas quando estes evoluíam já passavam a não ser os últimos, eram jogos tão competitivos que promoviam o sucesso.

O jogo era livre, porque era sobretudo jogo e nós agora colocamos regras ao jogo, obrigamos a fazer três passes seguidos, esta condicionante se não for contextualizada pode ser penalizadora do próprio jogo, porque os miúdos podiam ganhar a bola em situação privilegiada para fazer o golo, que é o que lhes dá prazer e com esta condicionante não o fazem sendo um retrocesso na própria alegria. Uma outra característica determinante no “Futebol de Rua” é que havia sempre equipas diferentes e isso trazia muita variabilidade de problemas que trazia muitas variabilidades de soluções e eram estas diferentes soluções que induziam a aprendizagem. Imagine, se fizer cinco treinos seguidos iguais os miúdos não gostam, agora os exercícios podem ser os mesmos mas com novas variantes o exercícios já é diferente.

No “Futebol de Rua” todos os jogos eram diferentes, cada dia a baliza era a mesma o campo era o mesmo mas as equipas eram diferentes, logo ajustes diferentes entre os jogadores. Imagine um jogo de 4x4, em que um jogador é limitado em termos técnicos e quando passa a bola esta vai quase sempre fora, a equipa ajusta-se a este facto preparando-se para perder a posse de bola, mas se o jogador já for bom no 1x1 e faça bons passes a equipa já se ajusta de maneira diferente, são estas características naturais que são automaticamente assimiladas pelos jogadores existindo formação.

Hoje criam-se situações para que ocorra muito o passe e é certo que o passe ocorra muitas vezes mas o jogo já não ocorre porque existem limitações, assim entendo que o mais importante é o jogo porque tudo o resto vem por arrastamento assim como a existência do prazer porque se não à mínima dificuldade os miúdos vão embora e estes factos não deviam ocorrer somente na

formação, porque nos seniores parece que alguns jogadores andam ali anestesiados e na sociedade é a mesma coisa, porque quando fazemos algo por esforço nunca mais vemos a hora de acabar, enquanto que se estivermos motivados o tempo passa e nem damos conta e muitas vezes chegamos a casa e ainda pensamos no trabalho que temos que realizar porque o fazemos com prazer e as pessoas que alcançam o sucesso profissional é porque certamente têm prazer naquilo que fazem.

Entrevista realizada ao Professor António Santa**Coordenador das Escolas do SLBenfica****1.: Quais os objectivos que orientam o trabalho realizado na sua Escola de Futebol?**

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) a cada um dos objectivos)

- **Promoção da saúde** – 2º
- **Ocupação dos tempos livres** – 2º
- **Formação de jogadores para as equipas federadas ou para outros clubes** – 1º
- **Outro objectivo:** desenvolvimento pessoal e social

2.: Qual a importância que atribui aos factores de rendimento para cada escalão de formação da sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

Escalão					
Factores	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Táctica	1	1	1	1	1
Técnica	1	1	1	1	1
Energético Funcional	1	1	1	1	1
Outros (Princípios e valores éticos morais e cívicos)	1	1	1	1	1

R.: Para nós os factores são indissociáveis e na nossa perspectiva metodológica, todos eles merecem-nos a máxima importância.

3.: Qual é a estrutura base de um plano de treino e qual o objectivo principal que deve prevalecer em cada uma das partes que compõem a sessão de treino?

	Partes			
	1ª. _____	2ª. _____	3ª. _____	4ª. _____
Objectivos				
Meios / Exercícios				

R.: O treino na nossa perspectiva metodológica não permite a separação do treino em partes pois treinamos de forma integral numa relação com princípios e sub-princípios da nossa forma de ensinar o jogo.

Temos como objectivos potenciar o desenvolvimento do talento individual numa perspectiva micro e numa perspectiva macro (é mais importante formar jogadores que equipas, ou seja, darmos mais ênfase à individualidade do que às estratégias colectivas de ensino do jogo). Aqui na Escola, a velocidade e a qualidade da tomada de decisão e o saber executar de acordo com a situação são as traves mestras do ensino do jogo.

Como meios de ensino fazemos por exemplo o jogo do caça bolas; jogo de drible sobre diversas balizas e em diferentes espaços; jogos de desenvolvimento do drible e da sua diversidade associados á lateralidade e ás mudanças de direcção, sentido e ritmo; jogos para desenvolvimento do jogo em profundidade e largura associados à marcação/desmarcação, passe e recepção e princípios comportamentais do nosso modelo jogo (variar o centro de jogo as vezes necessárias de forma a desequilibrar a estrutura defensiva adversária); jogos de manutenção, circulação de posse de bola com e sem balizas e com e sem GR; jogos de desenvolvimento das diferentes formas de remate a diferentes distâncias e ângulos entre outros.

4.: Qual a duração e o número de treinos previstos, por semana, para os diferentes escalões de formação?

	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
--	--------------	--------------	---------------	---------------	--------------

Número de treinos	2	2	2	2	2
Duração do treino	80'	80'	80'	80'	80'
Total	160'	160'	160'	160'	160'

5.: Existe alguma razão para o delineamento dos treinos ser realizado conforme foi descrito anteriormente?

R.: Não. Todos pagam a mesma mensalidade com direito a 2 treinos semanais.

6.: A Escola de Futebol possui uma ideia de treino e jogo comum a todos os escalões de formação, ou cada professor/treinador implementa as suas ideias no escalão que orienta?

R.: Sim. Há orientações metodológicas e pedagógicas na definição dos treinos e na forma de jogar, independente daquilo que cada um possa pensar. Os treinadores planeiam os treinos de acordo com as sugestões e directivas do coordenador técnico.

7.: Na sua opinião qual a concepção metodológica que as Escolas de Futebol devem privilegiar?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

- **Centrada na técnica**
- **Centrada no jogo formal**
- **Centrada nos jogos condicionados – 1º**
- **Outra concepção**

R.: A nossa concepção privilegia a “descoberta guiada da integração de princípios hierarquizados”. São os chamados jogos de princípios, assentes em pressupostos cognitivos e psicológicos numa relação entre os meios de treino (passe, recepção, drible, remate, condução bola) e as capacidades condicionais e coordenativas.

8.: O “Futebol de Rua” foi durante muitos anos o viveiro de grandes jogadores, Valdano refere até que “a tecnologia de ponta do Futebol é a rua e a miséria, pois aí as partidas são imprevisíveis, onde no momento se inventa sempre algo... os jogadores não usam o catálogo das soluções conhecidas, simplesmente criam”.

Acha importante que a riqueza do “Futebol de Rua” esteja presente nas Escolas de Futebol? Que características devem ser preservadas e de que forma devem ser utilizadas (exercícios) no processo de formação?

R.: Acho de vital importância. Os exercício de desigualdade numérica como por exemplo Gr + 2 x 4/5 + 2Gr (os 2 mais fortes contra 4 ou 5 adversários); jogos de desenvolvimento das habilidades dos diferentes tipos de drible associados as capacidades coordenativas e condicionais e aos nossos princípios jogo; jogos de precisão do remate com alvos definidos e graduados, etc.

Entrevista realizada ao Professor Pedro Chaves

Coordenador da Escola de Futebol do Sporting Clube de Braga

Estádio 1º Maio, 24 de Outubro de 2007

1.: Quais os objectivos que orientam o trabalho realizado na sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) a cada um dos objectivos)

- **Promoção da saúde** – 3º
- **Ocupação dos tempos livres** – 2º
- **Formação de jogadores para as equipas federadas ou para outros clubes** – 1º
- **Outro objectivo** – Inculcar a mística bracarense e vertente financeira.

R.: Os principais objectivos da Escola são dois em simultâneo, um é formar jogadores para as equipas de competição (1º) juntamente com a ocupação dos tempos livres (2º), outro objectivo importante mas não primordial é a mística bracarense que procuramos inculcar nos miúdos desde os cinco anos, ou seja, queremos que sejam primeiro do Braga e só depois do Porto, Sporting ou Benfica, este é um objectivo que temos vindo a inculcar, fazemos mesmo no fim de cada treino o grito de equipa para tentar inculcar a filosofia de clube desde as idades mais baixas.

Nos outros objectivos além da mística existe também a vertente financeira, julgo que a nossa e todas as outras têm sempre como objectivo a obtenção de rendimento financeiro, ou seja, ter maior número de alunos para ter mais receitas, mas este objectivo não é o principal, porque esse é formar jogadores para as equipas de competição.

2.: Qual a importância que atribui aos factores de rendimento para cada escalão de formação da sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

Escalão	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Factores					
Táctica	2º	1º	1º	1º	-

Técnica	1º	1º	1º	1º	-
Energético Funcional	2º	2º	2º	2º	-
Outros	-	-	-	-	-

R.: Temos que ter em atenção que estamos a falar de escalões diferentes, idades diferentes, estados maturacionais diferentes, ou seja, é tudo diferente. Naturalmente que estas dimensões de rendimento são todas importantes no futebol mas à medida que as idades vão aumentando umas vão ter mais importância do que outras. Por exemplo, não podemos incutir num miúdo de 6 anos a táctica se ele ainda não consegue fazer um passe e não consegue relacionar-se com os colegas. Portanto, nos sub 6 damos primazia total à técnica vindo em segundo plano a táctica e a energético funcional, entendendo como táctica os princípios mais básicos, como ocupação racional do espaço. Nos sub 8 a técnica e a táctica assumem em conjunto as prioridades e assim sucessivamente, após os miúdos terem assimilado mais ou menos a técnica o treino passa ser tático-técnico, ou seja, os exercícios terão como objectivos o que se pretende no jogo, assim a técnica e a táctica estão paralelos ao longo do trabalho realizado. Desta forma a energético-funcional vem em segundo plano, mas esta forma partida do treino não existe, porque quando um professor planeia o treino tem como objectivo (...), por exemplo nos sub 8 jogo tem o jogo de 5x5, e o objectivo é trabalhar tendo em conta esta situação de jogo, sabem que tem que utilizar a estrutura de um guarda redes, um defesa, dois alas e um avançado, não sendo isto fixo, porque os jogadores não têm posições fixas, rodando por todas as posições. Assim, os treinadores sabem que tem que preparar os jogadores para determinada forma de jogar, logo têm que lhes dar os conteúdos em função disso. Por exemplo, fazem muitos exercícios de 2x1, 3x2, 3x0 para treinar passe, criss-cross e finalização, agora isto é treino técnico mas ao mesmo tempo é tático por eles sabem que têm que ocupar os três corredores, porque nós não queremos ver um jogador do lado contrário a chegar-se ao lado da bola, por isso todas as componentes de rendimento estão presentes no treino e nem sequer temos tempo na aula de separar as componentes, aproveitando ao máximo para treinar os princípios de jogo.

3.: Qual é a estrutura base de um plano de treino e qual o objectivo principal que deve prevalecer em cada uma das partes que compõem a sessão de treino?

	Partes			
	Inicial	Principal	Final	-

Objectivos	Activação Geral	Objectivos de acordo com o Modelo de Jogo (MJ)	Retorno à calma Incutir a mística (grito)	-
Meios / Exercícios	Jogos Lúdicos (caçadinhas, bola ao capitão...etc.)	Exercícios táctico-técnicos (de acordo com o MJ)	Alongamentos	-

R.: Nós dividimos o treino em três partes. Na primeira parte o objectivo é a activação geral ou mobilização mio articular, ou seja, o vulgo aquecimento, tentamos que este seja logo o mais específico possível dependendo sempre da idade. Temos os professores dos sub 6 e sub 8 que começam o treino com jogos lúdicos, mas os outros também não deixam de entrar, são exercícios que podem não ter nada a ver com o futebol, quer dizer, alguns até têm como o caso das caçadinhas e o jogo ao capitão mas estes são sempre realizados na parte inicial para promover (...). Os alunos chegam-nos das aulas já cansados, cheios de estarem nas aulas e agora também têm as AEC's, logo o que pedem é trabalho lúdico, e então nós na parte inicial da aula que tem como objectivo o aquecimento nós utilizamos como meio os jogos lúdicos, porque estes permitem o aumento da temperatura corporal e ao mesmo tempo liberta-os de algum stress.

Na parte principal os objectivos já são mais específicos, estando de acordo com o que pretendemos e com a metodologia de ensino e com o modelo de jogo. É importante referir que o modelo de jogo só é assimilado a partir dos sub 9, porque se nos sub 6 trabalhamos o 3x3 o nosso modelo de jogo é de futebol de 7, por isso existem alguns princípios idênticos mas não funcionamos de acordo com o modelo de jogo porque este meninos ainda não têm capacidade para assimilar o modelo de jogo. Por isso os objectivos da parte principal estão de acordo com o modelo de jogo e os meios utilizados são exercícios táctico-técnicos.

Na parte final, o chamado retorno à calma, damos mais privilégio (2/3 minutos) aos alongamentos finais e promovemos o estar de grupo, porque as outras partes do tempo são realizadas com muita intensidade, uma vez que 60 minutos não dá para muito, existem transições rápidas e o contacto com o professor é mínimo, assim aproveitamos este tempo para haver um pouco mais de diálogo e relacionamento com os alunos e para fazermos o grito de equipa/clube para incutir a tal mística.

4.: Qual a duração e o número de treinos previstos, por semana, para os diferentes escalões de formação?

	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Número de treinos	2	2	2	2	-
Duração do treino	60´	60´	60´	60´	-
Total	120´	120´	120´	120´	-

5.: Existe alguma razão para o delineamento dos treinos ser realizado conforme foi descrito anteriormente?

R.: A razão prende-se com a escassez de espaços e com o aumento das despesas com os Professores.

6.: A Escola de Futebol possui uma ideia de treino e jogo comum a todos os escalões de formação, ou cada professor/treinador implementa as suas ideias no escalão que orienta?

R.: A partir do escalão de sub 9, nós temos implementado um Modelo de Jogo de Futebol de 7 que é a ideia comum. Este foi adaptado do Modelo de Jogo das equipas de competição (federadas), sendo implementado nas equipas de não competição, os treinadores das várias equipas sabem o que devem trabalhar em cada momento de jogo bem como a estrutura táctica a utilizar. Antes dos Sub 9 nós não conseguimos introduzir o Modelo de Jogo porque o futebol é menos complexo, é o futebol de 3x3 nos Sub 6 e 5x5 para os Sub 8.

Apesar disso alguns princípios de jogo são os mesmos, tais como a posse de bola, sair a jogar desde o Gr e tentar não jogar directo.

7.: Na sua opinião qual a concepção metodológica que as Escolas de Futebol devem privilegiar?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

- **Centrada na técnica** – 2ª
- **Centrada no jogo formal** – 3ª
- **Centrada nos jogos condicionados** – 1ª
- **Outra concepção** –

8.: O “Futebol de Rua” foi durante muitos anos o viveiro de grandes jogadores, Valdano refere até que “a tecnologia de ponta do Futebol é a rua e a miséria, pois aí as partidas

são imprevisíveis, onde no momento se inventa sempre algo... os jogadores não usam o catálogo das soluções conhecidas, simplesmente criam”.

Acha importante que a riqueza do “Futebol de Rua” esteja presente nas Escolas de Futebol? Que características devem ser preservadas e de que forma devem ser utilizadas (exercícios) no processo de formação?

R.: Em primeiro lugar o “futebol de rua” acabou, tendo em conta a nossa sociedade, as habitações que se constroem, o tempo ocupado pelas aulas, o facto de não existir segurança, etc. Por estes factos o “futebol de rua” tende a acabar ou já acabou, existe ainda na Argentina e no Brasil mas em Portugal tende a acabar. Por isso temos que tentar, e aí concordo com a afirmação do Valdano, trazer os ingredientes do “futebol de rua” para as Escolas de Futebol isso é que é o ideal.

As características que devem ser preservadas são a imprevisibilidade, o jogo de 3x3 que existia muitas vezes na rua, algo que as Escolas não aproveitam porque fazem muitas das vezes o jogo formal de 7x7 e este jogo não é o mesmo do praticado na rua, porque este era imprevisível e privilegiava muito a técnica. Deve-se também privilegiar a liberdade e criatividade, porque os jogadores inventavam gestos, faziam o que lhes apetecia e agora nas Escolas os Professores tendem muito a estereotipar os gestos técnicos, como por exemplo “o passe faz-se desta forma” enquanto que na rua os jogadores faziam como queriam e também eram eficazes.

Outro exemplo é o facto de não rua não existirem coletes, já nas Escolas eles fazem parte do trabalho, embora nós por vezes também façamos jogos sem coletes, para obrigar os jogadores a levantarem a cabeça.

Outro aspecto também importante que é referido por Valdano é o das “soluções conhecidas”, ou seja, não dar aos jogadores soluções predefinidas, os Professores devem procurar que sejam os miúdos a descobrir as soluções e a tomar as melhores decisões, agora, este tipo de trabalho não é fácil. É muito difícil no treino criar exercícios em que se produzam estes efeitos. Por exemplo, numa situação de 2x1, em que o princípio é o jogador em posse de bola atacar a baliza, mas se o defesa reagir passa ao colega mas se o defesa não reage prossegue para a baliza, ou seja, o Professor não deve dizer que na situação de 2x1 se deve passar obrigatoriamente a bola ao colega porque o jogador é que deve decidir qual a melhor solução. Aqui nas escolinhas procuramos criar exercícios com várias soluções e dizemos quais existem, mas depois têm que ser os jogadores a decidir qual a melhor solução.

Entrevista realizada ao Professor Rui Gonçalves

Coordenador da Escola de Futebol “Afonsinhos” (Vitória de Guimarães)

Complexo Desportivo de Guimarães, 10 de Novembro de 2007

1.: Quais os objectivos que orientam o trabalho realizado na sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) a cada um dos objectivos)

- **Promoção da saúde – 3º**
- **Ocupação dos tempos livres – 2º**
- **Formação de jogadores para as equipas federadas ou para outros clubes – 1º**
- **Outro objectivo – Perspectiva económica – 1º**

2.: Qual a importância que atribui aos factores de rendimento para cada escalão de formação da sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

Escalão Factores	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Táctica	2	2	2	1	1
Técnica	1	1	1	1	1
Energético Funcional*	-	-	-	-	-
Outros (Jogo)	1	1	1	1	1

* Quanto ao factor de rendimento energético funcional, o Professor Rui referiu que não têm qualquer importância no trabalho realizado na escola.

R.: Diria que nos sub 6, sub 8 e sub 10, os aspectos técnicos adquirem maior importância mas sempre em contextos de jogo, isto é, não pretendemos fazer o gesto técnico por si só mas

pretendemos sim criar contextos em que a técnica seja o mais diversificada possível, no sentido do aluno vivenciar uma grande variabilidade. Nós podemos separar e nestas idades torna-se ainda mais fácil separar, mas diria que a técnica é mais importante nos sub 6, sub 8 e sub 10, já nos sub 12 e sub 14, este factor continua a ser importante mas a tática adquire igual importância.

Para esclarecer, nós aqui temos miúdos de diferentes níveis de qualidade, uma vez que a escola é privada, quem quiser participar basta inscrever-se uma vez que o factor qualidade não é factor de selecção e muitas das vezes dar importância tática nestas idades é uma questão de marketing. Por exemplo, os escalões de sub 12 e sub 14 são escalões federados, mas em princípio, nenhum miúdo da escola será incorporado nessas mesmas equipas porque são raras as excepções em que ocorre um transfer entre a escola de futebol (privada) e os escalões federados nestas idades (Sub-12 e Sub-14).

Embora seja uma escola de ensino em que o objectivo do professor é criar o máximo de situações e o mais diversificadas possíveis para que o aluno possa aprender o máximo possível, praticando o desporto que lhe dá prazer, o jogo de futebol, desta forma pedimos aos Professores que o lado tático de jogo seja visto como uma forma de marketing, porque é uma forma de cativar os pais. A criança por si só gosta de praticar desporto e neste caso o jogo de futebol e quando o aluno sente que o professor o está a ensinar penso que a sua motivação ainda é maior e quer vir sempre aos treinos, porque estes são diferentes ao que está habituado. Procuramos assim, que o ensino seja o mais rico possível, para o pai sentir que a criança está realmente a aprender, porque quando isto ocorre o pai vai passar a informação do trabalho realizado de “boca em boca” conseguindo assim aumentar o número de inscrições na escola.

3.: Qual é a estrutura base de um plano de treino e qual o objectivo principal que deve prevalecer em cada uma das partes que compõem a sessão de treino?

	Partes			
	Parte Inicial	Parte Principal	Parte Final	-
Objectivos	Aquecimento	Formas Jogadas	Jogo formal Reflexão do treino	-

Meios / Exercícios	Jogos lúdicos	Jogos reduzidos	Jogo formal	-
---------------------------	---------------	-----------------	-------------	---

R.: Tendo em conta os princípios fisiológicos, existe sempre uma parte inicial, principal e final. Na primeira parte as preocupações centram-se em realizar um aquecimento através de formas jogadas e formas lúdicas, visto que a componente lúdica tem que estar sempre presente, porquê? Porque embora seja uma Escola de Futebol em que o carácter competitivo é sempre importante, uma vez que as crianças por si só são competitivas mas devemos dar o carácter lúdico através de situações de aprendizagem. Assim os exercícios mais utilizados são formas jogadas, exercícios lúdicos e o jogo formal, neste caso de 5x5 e 7x7. Defendemos que o jogo formal deve estar sempre presente porque é algo que motiva muito os miúdos. A última parte, consiste na prática do jogo formal e faz-se uma pequena reflexão sobre o treino realizado.

4.: Qual a duração e o número de treinos previstos, por semana, para os diferentes escalões de formação?

	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Número de treinos	1/2/3	1/2/3	1/2/3	1/2/3	1/2/3
Duração do treino	60'	60'	60'	60'	60'
Total	60'/120'/180'	60'/120'/180'	60'/120'/180'	60'/120'/180'	60'/120'/180'

R.: A duração de todos os treinos é de uma hora e o número de treinos varia consoante a modalidade escolhida pelo encarregado de educação. Nós temos uma programação de três treinos semanais mas existem três tipos de preços mediante o número de treinos (1; 2 ou 3 treinos), agora, é óbvio que procuramos sensibilizar os pais para o maior número de treinos possível mas nem todos têm essa possibilidade. A nossa escola funciona como uma escola de música ou como as aulas de natação, ou seja, o aluno paga por aula. Nós colocamos os preços semelhantes entre a modalidade de 2 treino e 3 treinos, para quem vai a 2 pretender ir a 3 treinos, porque a diferença de preços é mínima.

5.: Existe alguma razão para o delineamento dos treinos ser realizado conforme foi descrito anteriormente?

R.: Existe este delineamento porque acreditamos que esta escola pode dar muitos jogadores às equipas federadas, nomeadamente nas idades de sub 9, o que tem acontecido com regularidade nos últimos anos e acreditamos que em termos do processo de aprendizagem, tal como na escola, o miúdo tem por exemplo três vezes matemática ou duas vezes português, nunca tem somente uma hora de aula por semana, assim, nós entendemos que três treinos ou no mínimo dois treinos, são os necessários para que no final do ano haja um processo de aprendizagem de qualidade.

6.: A Escola de Futebol possui uma ideia de treino e jogo comum a todos os escalões de formação, ou cada professor/treinador implementa as suas ideias no escalão que orienta?

R.: Existe uma ideia comum, embora cada treinador dê o seu toque, porque temos maneiras de pensar diferentes, eu quando comecei dava mais importância a alguns aspectos e hoje já dou a outros, ou seja, a experiência vai-me ajudar a melhorar a minha prática enquanto professor e treinador. Agora, existe uma ideia comum, um modelo. Este projecto arrancou este ano em conjunto com o Professor Pina de Moraes e uma das primeiras coisas que fizemos foi elaborar um conjunto de princípios que deve ser assimilado pelos alunos até ao final do escalão de Infantis (Futebol de 7). Estes princípios são comuns e são fundamentais para a posterior evolução para o futebol de 11, por exemplo, devem saber que “bola no centro, dupla cobertura”, “basculações”, ou seja, princípios que devem ser aprendidos para que ocorra um desenvolvimento a longo do tempo. Este modelo foi entregue a todos os Professores das equipas de competição e da Escola de Futebol, no sentido de orientar o seu trabalho. Neste modelo analisamos quais os conteúdos técnicos e táticos que são mais importantes nas idades mais baixas de forma a exponenciar a aprendizagem destes mesmos conteúdos, para que no fim do ano exista um sucesso. A nossa ideia funciona como a escola, existem conteúdos que devem ser abordados ao longo do ano de forma fraccionada de forma a ocorrer uma aprendizagem progressiva no tempo, de acordo com a perspectiva ecológica.

7.: Na sua opinião qual a concepção metodológica que as Escolas de Futebol devem privilegiar?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

- **Centrada na técnica – 4ª**
- **Centrada no jogo formal – 4ª**
- **Centrada nos jogos condicionados – 1ª**

- **Outra concepção –**

R.: Entendo que os jogos condicionados são a concepção que melhor desenvolve os conteúdos que falei anteriormente, dando relevância mínima às restantes concepções de treino referidas.

8.: O “Futebol de Rua” foi durante muitos anos o viveiro de grandes jogadores, Valdano refere até que “a tecnologia de ponta do Futebol é a rua e a miséria, pois aí as partidas são imprevisíveis, onde no momento se inventa sempre algo... os jogadores não usam o catálogo das soluções conhecidas, simplesmente criam”.

Acha importante que a riqueza do “Futebol de Rua” esteja presente nas Escolas de Futebol? Que características devem ser preservadas e de que forma devem ser utilizadas (exercícios) no processo de formação?

R.: Concordo e é uma das premissas que nós pretendemos. Porque será que o “Futebol de Rua” é tão rico? Porque a criança/jovem procura as suas próprias soluções, procura resolver os seus problemas de forma isolada, porque se não os conseguir resolver vai perder a bola, assim procura desenvolver os seus próprios meios, tal como Darwin referia, a “luta pela sobrevivência”. Na nossa escola também pretendemos que exista um pouco destes aspectos, e como é que podemos fazer isto? Prende-se muito com a nossa prática, por exemplo, as estratégias de ensino que podemos utilizar nas idades mais baixas podem ser menos instrutivas e com uma maior intervenção de cada aluno (em decidir por si mesmo), sendo que os problemas propostos devem ser ajustados ao nível de desenvolvimento do próprio aluno, ou seja, não ser demasiado exigente, não estar constantemente a apelar a certos comportamentos mas sim dar espaço ao aluno para criar e procurar intervir quando é mesmo necessário. Mas este facto é muito difícil de colocar em prática por parte do professor/treinador, assim devemos dar uma liberdade condicionada, uma descoberta guiada como se refere agora, mas uma intervenção directa é muito importante, para referir que “isto devia ser assim e não assim” alertando os alunos para os erros cometidos. Entendo que devemos colocar o problema e perceber se o aluno o consegue realizar, dando pequenas indicações para que ele perceba para onde o levamos sem nunca dar a solução final.

Quanto às características que devem ser preservadas, surge de imediato o jogo, porque este é parte integrante do “Futebol de Rua” e esta escola de rua diverge das escolas privadas nas regras e limitações que se impõem, no “Futebol de Rua” cada um faz aquilo que quer já na escola isso não é possível, porque existem regras que vão no sentido de aperfeiçoar o processo de aprendizagem e se estas foram bem pensadas e delineadas podem ser muito proveitosas

neste processo, se não forem bem formuladas e aplicadas podem limitar a liberdade e criatividade, pode tornar a criança mecanizada e perder-se assim um possível talento, porque apercebo-me muitas vezes que é o Professor que vive obcecado com os seus objectivos e esquece os objectivos de formação da própria criança. Este facto pode fazer com que se percam possíveis talentos devido à obsessão pelo objectivos do Professor, quando em primeiro lugar deve estar sempre a formação da criança/jovem.

Entrevista realizada ao Professor Pedro Nuno
Coordenador da Escola de Futebol “Bragafut”

Academia de Futebol Bragafut, 9 de Novembro de 2007

1.: Quais os objectivos que orientam o trabalho realizado na sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) a cada um dos objectivos)

- **Promoção da saúde** – 1º
- **Ocupação dos tempos livres** – 2º
- **Formação de jogadores para as equipas federadas ou para outros clubes** – 3º
- **Outro objectivo** – Contribuir para a formação integral dos alunos – 1º.

2.: Qual a importância que atribui aos factores de rendimento para cada escalão de formação da sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

Escalão Factores	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Táctica	2º	2º	2º	2º	2º

Técnica	1º	1º	1º	1º	1º
Energético Funcional	3º	3º	3º	3º	3º
Outros*	1º	1º	1º	1º	1º

* Cumprimento de regras e disciplina

3.: Qual é a estrutura base de um plano de treino e qual o objectivo principal que deve prevalecer em cada uma das partes que compõem a sessão de treino?

	Partes			
	1ª Parte	2ª Parte	3ª Parte	-
Objectivos	Falar sobre os objectivos do treino Aquecimento	Desenvolvimento técnico e tático	Breve reflexão sobre o treino Lúdico	-
Meios / Exercícios	Exercícios de técnica individual com bola	Situações de jogos reduzidos com objectivos tático-técnicos	Bolas paradas 2x1,3x1,1x0	-

R.: A primeira parte é para falar sobre os objectivos do treino e para fazer o aquecimento, utilizando para esse efeito maioritariamente exercícios com bola (condução com bola, partir da aglomeração e desviar-se dos colegas, ...). Na segunda parte, ou seja, a parte principal do treino, existem diversos objectivos e exercícios. Por exemplo: quando nós queremos promover a circulação da bola e a recuperação da posse de bola, podemos fazer jogo de 3x3 com apoios laterais para promover a posse e circulação de bola, agora, nós tentamos sempre conciliar os exercícios de modo a desenvolver em simultâneo o lado tático e técnico do jogo, porque muitas

vezes o mesmo exercício pode ter um carácter eminentemente técnico ou tático dependendo somente dos feedbacks dados em determinada altura do exercício. Na terceira parte, normalmente fazemos bolas paradas, remates à baliza com bola em movimento ou situações de progressão no terreno de jogo, 2x1, 3x1, etc. Mas esta parte depende também da forma como correu o treino, ou seja, utilizamos esta parte do treino para chamadas de atenção, fazendo um balanço de como correu o mesmo e depois optamos ou por brincadeira e diversão que é fundamental nestes escalões, ou então por algo mais sério, em que os alunos vão para casa pensar que realmente as coisas podem mudar neste ou naquele aspecto.

4.: Qual a duração e o número de treinos previstos, por semana, para os diferentes escalões de formação?

	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Número de treinos	2	2	2	2	2
Duração do treino	60´	60´	75´	75´	75´
Total	120´	120´	150´	150´	150´

5.: Existe alguma razão para o delineamento dos treinos ser realizado conforme foi descrito anteriormente?

R.: Estamos a falar de equipas não federadas que estão divididas por níveis de desenvolvimento. Este tipo de programação do tempo de treino acontece, porque normalmente os alunos dos escalões etários mais baixos não conseguem estar mais do que 60´ concentrados, chegando a um ponto que “desligam”, o que nos leva a crer que este planeamento está de acordo com as idades dos miúdos. Agora, é claro que vamos fazendo ajustamentos de acordo com a divisão dos miúdos por níveis de desenvolvimento, ou seja, para os alunos que frequentam escola à mais tempo, temos o cuidado de fazer o mapa das instalações para que este permita que o espaço continue vago por mais quinze minutos, sendo possível prolongar o treino.

Respondendo directamente à questão que me coloca, é porque achamos que o tempo de treino ideal é o que protagonizamos, uma vez que mais tempo de treino é contraproducente, devido às falhas de concentração dos miúdos.

6.: A Escola de Futebol possui uma ideia de treino e jogo comum a todos os escalões de formação, ou cada professor/treinador implementa as suas ideias no escalão que orienta?

R.: Normalmente há um modelo comum a todos os escalões, e o nosso esforço vai no sentido de, cada vez mais, uniformizar os exercícios realizados.

7.: Na sua opinião qual a concepção metodológica que as Escolas de Futebol devem privilegiar?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

- **Centrada na técnica** – 3ª
- **Centrada no jogo formal** – 2ª
- **Centrada nos jogos condicionados** – 1ª
- **Outra concepção** –

R.: Esta pergunta é complicada, no sentido em que três opções são utilizadas. No entanto, existe uma que utilizamos com mais frequência, que são os jogos condicionados, sendo o jogo formal a nossa segunda opção e a centrada na técnica a terceira.

8.: O “Futebol de Rua” foi durante muitos anos o viveiro de grandes jogadores, Valdano refere até que “a tecnologia de ponta do Futebol é a rua e a miséria, pois aí as partidas são imprevisíveis, onde no momento se inventa sempre algo... os jogadores não usam o catálogo das soluções conhecidas, simplesmente criam”.

Acha importante que a riqueza do “Futebol de Rua” esteja presente nas Escolas de Futebol? Que características devem ser preservadas e de que forma devem ser utilizadas (exercícios) no processo de formação?

R.: O “Futebol de Rua” permite desenvolver, em determinadas situações, níveis de coordenação motora acima da média, agora, o que eu acho é que é completamente impossível transportar esse “Futebol de Rua” para as escolas, porque além de estarmos a formar jogadores estamos acima de tudo a formar Homens. O que acontece quer queiramos quer não, é que nós limitamos, de alguma forma, o desenvolvimento dos alunos quando, por exemplo, lhe pedimos para fazer o passe de determinada forma ou para não fazer o 1x1 quando têm opção de passe, estando a limitar a liberdade de decisão que existe no “Futebol de Rua”, agora é certo que devemos preservar algumas das características do “Futebol de Rua”. Posso referir a título de exemplo que neste momento (nas equipas federadas) estamos a procurar treinar, também, em campo pelado porque as irregularidades deste tipo de terreno poderão contribuir para um desenvolvimento mais completo ao nível de controlo e condução de bola por parte dos alunos.

Entrevista realizada ao Professor Tátá

Coordenador da Escola de Futebol “Fair Play”

Pista de Atletismo Gémeos Castro, 25 de Outubro de 2007

1.: Quais os objectivos que orientam o trabalho realizado na sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) a cada um dos objectivos)

- **Promoção da saúde – 1º**
- **Ocupação dos tempos livres – 2º**
- **Formação de jogadores para as equipas federadas ou para outros clubes – 3º**
- **Outro objectivo – nada a salientar**

2.: Qual a importância que atribui aos factores de rendimento para cada escalão de formação da sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

Escalão		Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Factores						

Táctica	2º	2º	2º	-	-
Técnica	2º	2º	1º	-	-
Energético Funcional	3º	3º	3º	-	-
Outros	1º Motricidade	1º Motricidade	1º Cap. Coordenativas	-	-

3.: Qual é a estrutura base de um plano de treino e qual o objectivo principal que deve prevalecer em cada uma das partes que compõem a sessão de treino?

	Partes			
	Inicial	Principal	Final	-
Objectivos	Aquecimento articular	Objectivos técnicos e de táctica individual	Retorno à calma	-
Meios / Exercícios	Trabalho de técnica individual	Situações de jogo	Alongamentos	-

R.: Isso depende muito de escalão para escalão. Por exemplo nos sub 10 o treino é dividido em três partes. A parte inicial que consiste no aquecimento articular, através de exercícios de técnica individual (cada jogador com uma bola). Na parte principal o objectivo é sempre técnico e de táctica individual quer ofensivo e defensivo, estes são sempre trabalhados através de situações de jogo reduzidas. Na parte final fazemos o alongamentos finais.

4.: Qual a duração e o número de treinos previstos, por semana, para os diferentes escalões de formação?

	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Número de treinos	2	2	3	-	-
Duração do treino	55'	65'	70'	-	-
Total	110'	130'	210'	-	-

5.: Existe alguma razão para o delineamento dos treinos ser realizado conforme foi descrito anteriormente?

R.: As razões são puramente físicas, de desenvolvimento psicomotor, achamos que mais de 55 minutos para um miúdo de 5 anos que não faz sentido, até porque começa a ser muito difícil eles concentrarem-se. Já para os miúdos de sub 8 idem aspas, achamos que 65 minutos são mais do que suficientes.

Entendemos que o tempo de treino deve ser gradual e quando passam para a competição o tempo de treino deve ser igual ao da competição, principalmente a partir dos iniciados, porque até aos infantis, nós temos mais tempo de treino do que o jogo exige.

6.: A Escola de Futebol possui uma ideia de treino e jogo comum a todos os escalões de formação, ou cada professor/treinador implementa as suas ideias no escalão que orienta?

R.: A nossa escola tem um processo de formação que contempla 1400 páginas e que foi elaborado por mim. É um processo de formação que tem metodologias adaptadas ao desenvolvimento psicomotor de todas as etapas, ou seja, é uma metodologia adaptada a cada etapa de formação e um dos vectores principais é essa metodologia ser adaptada ao desenvolvimento psicomotor da idade e etapa em que os miúdos estão. O outro vector é o método global, que consiste em conseguir integrar os aspectos técnicos, tácticos, físicos e psicológicos na unidade de treino de forma a que exista uma aprendizagem sempre em situação de jogo, de forma a que o jogador consiga sempre analisar e decidir o que vai fazer, nunca é treino isolado em que o treinador é que vais dizer o que ele vai fazer, ele vai ter que analisar, decidir e executar.

Existem objectivos específicos para cada etapa que assentam fundamentalmente na aprendizagem dos aspectos tácticos individuais e aspectos individuais de táctica colectiva, que

lhe permitam no futuro (se saírem daqui para algum lado) adaptar-se a qualquer modelo de jogo e filosofia de jogo de qualquer treinador.

Existe um processo de formação de todos os treinadores, estes fazem um estágio de 6 meses antes de trabalharem connosco na condução das equipas. As formações são dadas por mim e por um psicólogo de desporto, assim tudo o que é feito pelos treinadores, foi administrado internamente, nenhum treinador trás ideias de fora para implementar aqui, no entanto temos uma preocupação, que acho que é uma grande inovação e é algo que gostava que todas as pessoas pensassem, apesar de termos um modelo de jogo definido e esse privilegia a formação, porque tem um estilo ofensivo que sai desde trás a jogar, em que se faz o início do ataque, a progressão ao ataque e a finalização do ataque, é um modelo de jogo que utiliza sistemas tácticos básicos, que são o 1:4:3:3 e 1:4:4:2 mas principalmente nós privilegiamos que eles dominem as acções táctica individuais e as acções individuais de táctica colectiva, para não só assimilarem o nosso modelo de jogo mas para ficarem capacitados para quando saírem daqui se adaptarem a qualquer modelo de jogo.

7.: Na sua opinião qual a concepção metodológica que as Escolas de Futebol devem privilegiar?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

- **Centrada na técnica** – 3ª
- **Centrada no jogo formal** – 4ª
- **Centrada nos jogos condicionados** – 2ª
- **Outra concepção** – Método Global – 1ª

R.: Defendo outra concepção de treino que é aquela que nós fazemos, ou seja, é o método global, onde se consegue globalizar e trabalhar os aspectos técnicos, tácticos, físicos e psicológicos, todas as componentes ao mesmo tempo e privilegiar a análise e decisão. Agora se me disseres que os jogos condicionados consistem no que te estou a dizer, então também lhe dou a mesma importância, deixando de lado a metodologia centrada na técnica e no jogo formal.

8.: O “Futebol de Rua” foi durante muitos anos o viveiro de grandes jogadores, Valdano refere até que “a tecnologia de ponta do Futebol é a rua e a miséria, pois aí as partidas são imprevisíveis, onde no momento se inventa sempre algo... os jogadores não usam o catálogo das soluções conhecidas, simplesmente criam”.

Acha importante que a riqueza do “Futebol de Rua” esteja presente nas Escolas de Futebol? Que características devem ser preservadas e de que forma devem ser utilizadas (exercícios) no processo de formação?

R.: São os jogos condicionados, estes são os exercícios que podem superar a falta de rua. No Brasil e em África não é necessário nos treinos existir tanto tempo com jogos condicionados, na Europa desenvolvida é necessário porque desapareceu o “futebol de rua”, e o que este futebol faz é exactamente o que fazem os jogos condicionados, desenvolve a capacidade de análise e de tomada de decisão e ao mesmo tempo executam. Analisam, decidem e executam, essa é a grande diferença entre o “futebol de rua” e o futebol de formação que é feito tradicionalmente não só em Portugal mas na maioria dos Clubes dos países da Europa. Quando as pessoas perceberem que os jogos condicionados são fundamentais na formação, para superar a falta do “futebol de rua” então o futebol vai melhorar bastante.

Entrevista realizada ao Professor Marco Almeida

Coordenador da Escola de Futebol “Dínamo da Estação”

Café “O Rocha”, 5 de Novembro de 2007

1.: Quais os objectivos que orientam o trabalho realizado na sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) a cada um dos objectivos)

- **Promoção da saúde – 2º**
- **Ocupação dos tempos livres – 3º**
- **Formação de jogadores para as equipas federadas ou para outros clubes – 4º**
- **Outro objectivo – Educação – 1º**

R.: A educação é o nosso objectivo primordial, seguido da promoção da saúde e ocupação dos tempos livres, por último fica a formação de jogadores para as equipas federadas, sendo que este nem consta nas nossas premissas.

2.: Qual a importância que atribui aos factores de rendimento para cada escalão de formação da sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

Escalão Factores	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Táctica	3º	2º	1º	-	-
Técnica	1º	1º	2º	-	-
Energético Funcional	2º	3º	3º	-	-
Outros					-

3.: Qual é a estrutura base de um plano de treino e qual o objectivo principal que deve prevalecer em cada uma das partes que compõem a sessão de treino?

	Partes			
	1ª Parte - Introdução	2ª Parte - Mobilização Geral com bola	3ª Parte – Jogo Formal	4ª Parte - Final
Objectivos	Conversa sobre os objectivos	Técnica Individual	Técnica/Táctica individual e colectiva	Retorno à calma
Meios / Exercícios	-	Cada aluno com bola, ou 2 a 2 com bola, exercícios de técnica	Situações de jogo reduzido e formal	Relaxamento / Alongamentos

4.: Qual a duração e o número de treinos previstos, por semana, para os diferentes escalões de formação?

	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14

Número de treinos	2	3	3	-	-
Duração do treino	60'	2(60')+1(90')	2(60')+1(90')	-	-
Total	120'	210'	210'	-	-

5.: Existe alguma razão para o delineamento dos treinos ser realizado conforme foi descrito anteriormente?

R.: Existe, as idades dos miúdos, os espaços existentes, uma vez que trabalhamos em pavilhão e a condicionante dos recursos humanos.

6.: A Escola de Futebol possui uma ideia de treino e jogo comum a todos os escalões de formação, ou cada professor/treinador implementa as suas ideias no escalão que orienta?

R.: Agora tem, existe uma base de jogo que vai desde o futebol de cinco ao futebol de sete. Temos um documento orientador que até foi entregue aos pais e aos treinadores. Cada treinador deve respeitar certos princípios, tal como a estrutura táctica e alguns exercícios. Cada escalão têm objectivos a cumprir, existindo uma progressão crescente nos conteúdos a abordar.

7.: Na sua opinião qual a concepção metodológica que as Escolas de Futebol devem privilegiar?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

- Centrada na técnica – 2^a
- Centrada no jogo formal – 1^a
- Centrada nos jogos condicionados – 3^a
- Outra concepção –

8.: O “Futebol de Rua” foi durante muitos anos o viveiro de grandes jogadores, Valdano refere até que “a tecnologia de ponta do Futebol é a rua e a miséria, pois aí as partidas são imprevisíveis, onde no momento se inventa sempre algo... os jogadores não usam o catálogo das soluções conhecidas, simplesmente criam”.

Acha importante que a riqueza do “Futebol de Rua” esteja presente nas Escolas de Futebol? Que características devem ser preservadas e de que forma devem ser utilizadas (exercícios) no processo de formação?

R.: O nosso objectivo e sempre foi muito claro desde o início da Escola de Futebol, foi procurar formar homens e nunca foi criar somente jogadores de futebol e sempre será assim enquanto eu cá estiver, o futebol é o meio que utilizamos para conseguir cumprir esse mesmo objectivo, porque é uma modalidade muito forte na nossa sociedade e assim procuramos transmitir os valores que devem nortear a nossa sociedade.

Agora relativamente à questão, entendo que o “Futebol de Rua” é anárquico e com muita liberdade, assim nas Escolas o processo deve ser orientado sempre que possível para o jogo, orientado de forma a poder potenciar melhor o trabalho a ser realizado.

Entrevista realizada ao Professor Bruno Martins

Coordenador da Escola de Futebol “Sport Viseu e Benfica”

Restaurante “O Lanxeirão”, 5 de Novembro de 2007

1.: Quais os objectivos que orientam o trabalho realizado na sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) a cada um dos objectivos)

- **Promoção da saúde – 1º**
- **Ocupação dos tempos livres – 1º**
- **Formação de jogadores para as equipas federadas ou para outros clubes – 2º**
- **Outro objectivo – Formar futuros Homens – 1º**

R.: O nosso objectivo principal é formar futuros homens e dotá-los de regras que lhes sejam úteis no futuro e também a promoção da saúde e ocupação dos tempos livres, porque agora não existem as brincadeiras do passado (apanhadas, corridas, ...), ou seja, os miúdos não fazem

nada, é uma geração sedentária, apesar de agora as coisas estarem a mudar em termos de actividade física devido às actividades extracurriculares.

As escolas vieram também contribuir para estas lacunas e também para promoverem a solidariedade entre os miúdos, porque esta geração é muito individualista, os miúdos estão pouco habituados a trabalhar em grupo e cada um trabalha por si, falam pela net e pouco convivem uns com os outros, assim a escola procura preencher estas lacunas.

2.: Qual a importância que atribui aos factores de rendimento para cada escalão de formação da sua Escola de Futebol?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

Escalão Factores	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Táctica	2º	1º	1º	1º	-
Técnica	1º	1º	1º	2º	-
Energético Funcional	2º	2º	2º	2º	-
Outros					-

R.: A táctica é elemento central em todos os escalões excepto nos sub 6, em que procuramos privilegiar mais a técnica. A metodologia da escola assenta primordialmente na táctica, por exemplo se tivermos uma pirâmide a táctica é a base, sendo as outras componentes consequência da táctica.

Até aos sub 10 não temos modelo de jogo mas temos modelo de treino baseado na táctica, em que procuramos que os miúdos consigam diferenciar o processo defensivo do ofensivo, a partir dos sub 12 já temos um modelo de jogo que respeita os quatro momentos de jogo.

Quanto à componente energético-funcional é segunda prioridade em todos os escalões porque não temos preocupações específicas, elas são resultado do trabalho táctico.

3.: Qual é a estrutura base de um plano de treino e qual o objectivo principal que deve prevalecer em cada uma das partes que compõem a sessão de treino?

	Partes			
	Inicial	Principal	Final	-
Objectivos	Aquecimento	Acções táctica-técnicas		-

	Técnica individual	individuais e colectivas	Retorno à calma	
Meios / Exercícios	Jogos Lúdicos (com bola)	Formas Jogadas	Alongamentos	-

4.: Qual a duração e o número de treinos previstos, por semana, para os diferentes escalões de formação?

	Sub 6	Sub 8	Sub 10	Sub 12	Sub14
Número de treinos	2	2	2	3	-
Duração do treino	60'	60'	75'	75'	-
Total	120'	120'	150'	225'	-

5.: Existe alguma razão para o delineamento dos treinos ser realizado conforme foi descrito anteriormente?

R.: Entendo que os tempos estão de acordo com os escalões de formação, mas este delineamento está feito devido aos espaços existentes e o tempo é o que temos para estar nas instalações.

Na minha opinião a lógica de trabalho até devia ser diferente, ou seja, os escalões mais baixos deviam ter mais tempo de actividade, porque recuperam mais rápido dos esforços dispendidos, têm mais tempo livre e não têm tantas preocupações, falta é tempo aos pais para os levar e estes entenderem porque entendem que o trabalho realizado dessa forma cansa muito os miúdos. Esta lógica de trabalho é adoptada em muitos países, trabalha-se mais tempo nas idades mais baixas do que nos mais velhos, claro que tendo mais treinos o trabalho não pode ser tão especializado, devendo sim ser mais variado.

6.: A Escola de Futebol possui uma ideia de treino e jogo comum a todos os escalões de formação, ou cada professor/treinador implementa as suas ideias no escalão que orienta?

R.: A lógica da escola vai de encontro à distinção dos dois momentos principais, ataque e defesa, nos escalões mais baixos, porque nos sub 6 e sub 8 os jogos realizados nos encontros variam entre jogos de 5x5 e 7x7, interessando-nos assim que eles entendam a lógica do jogo, ou

seja, saber o que têm que fazer quando estão em posse de bola e quando estão sem a bola, terem a noção do espaço, algo que é muito difícil nas idades mais baixas. Assim posso dizer que nos sub 6 e sub 8 não existe um modelo de jogo mas temos um modelo de treino que está estruturado de acordo com as etapas de aprendizagem. Nas idades mais velhas já temos a preocupação de em treino vivenciarem as mais diversas estruturas tácticas, 1:3:3, 1:3:2:1, 1:3:1:2...tendo como base a estrutura táctica de 1:2:3:1 que é comum a todos os escalões.

Existe um modelo pelo qual os treinadores se devem seguir, por exemplo, no fim do ano todos os jogadores devem ter jogado. Os sub 10 devem chegar ao fim e saber no mínimo uma progressão e contenção, adquirirem as noções de cobertura defensiva e ofensiva entre outros aspectos. Existem ainda princípios de jogo comuns como sair a jogar desde o Gr, mas isto também depende das ideias de cada treinador e dos jogos que se realizam, temos princípios comuns como o treino ser sempre com bola, privilegiando o lado táctico mas não impomos ideias aos treinadores.

7.: Na sua opinião qual a concepção metodológica que as Escolas de Futebol devem privilegiar?

(Indique a ordem de importância (1,2,3,4) podendo atribuir a mesma importância a todos ou a alguns)

- **Centrada na técnica – 2ª**
- **Centrada no jogo formal – 3ª**
- **Centrada nos jogos condicionados – 1ª**
- **Outra concepção –**

R.: A primeira é a centrada nos jogos condicionados, a segunda (...) nós não utilizamos o jogo formal como metodologia, porque nestes os miúdos quase que não tocam na bola, assim a técnica fica na segunda e o jogo formal em último.

8.: O “Futebol de Rua” foi durante muitos anos o viveiro de grandes jogadores, Valdano refere até que “a tecnologia de ponta do Futebol é a rua e a miséria, pois aí as partidas

são imprevisíveis, onde no momento se inventa sempre algo... os jogadores não usam o catálogo das soluções conhecidas, simplesmente criam”.

Acha importante que a riqueza do “Futebol de Rua” esteja presente nas Escolas de Futebol? Que características devem ser preservadas e de que forma devem ser utilizadas (exercícios) no processo de formação?

R.: Os miúdos antigamente brincavam com qualquer coisa, até uma lata fazia de bola e estas vivências faziam com que se passasse muito tempo a jogar futebol na rua. Neste momento os miúdos passam cada vez menos tempo a jogar e a brincar na rua mas na minha opinião existem cada vez mais talentos, mas não sei se existem mais ou se a prospecção é que está cada vez melhor, porque mesmo não existindo “futebol de rua” existem muitos talentos com 5/6 anos. Agora, entendo ser importante, que o treino possua algumas características do “futebol de rua”, mas este futebol não deve ser selvagem, porque no “futebol de rua” existiam miúdos que pegavam na bola e fintavam uma equipa, assim o que a gente faz, é nos jogos reduzidos (2x2,3x3...) levar os miúdos a descobrirem a equipa, porque nos aparecem miúdos que só querem a finta, não os castramos mas tentamos fazer-lhe ver que existe uma equipa que joga com ele, procurando que não perca a liberdade mas que entenda a lógica do colectivo. Assim entendo que uma das características que devem ser preservadas, é o facto do treino ter sempre bola e não impedir a criatividade dos miúdos, tendo em atenção que devemos guia-los na busca de um jogo melhor.